

O mundo da corporeidade humana



Corpoconsciência 3

1º semestre de 1999

Faculdade de Educação Física de Santo André
Corpoconsciência - Santo André - n. 3 - 1999

A revista *Corpoconsciência* é uma publicação da Faculdade de Educação Física de Santo André - Fefisa

Diretora
Dra. Dinah K. Zekcer

Vice-Diretora
Profa. Carmen Lagana

Coordenadora Administrativa
Profa. Zilda Klecz

Secretária Geral
Gracinda Godinho Murad

Coordenação Geral
Prof. José Carlos de Freitas Batista
Prof. Margareth Anderãos

Editoria e Projeto Gráfico
Ricardo Melani (MTPS 26.740)

Comissão Editorial Científica
Carlos Alexandre Felício Brito;
Ricardo Figueiredo Pinto; Ricardo Ricci Uvinha

Revisão
Salette Milanesi Brentan

Capa
Ana Aly

Secretária da revista
Alessandra Camargo

Faculdade de Educação Física de Santo André - Fefisa
Travessa Cisplatina, nº 20 - Vila Pires - Santo André - SP
Tel: 717-0700 - Fax 710-2435
E-mail: revista@fefisa.com.br

Editorial

O mundo da motricidade humana

Esta revista tem sido testemunho da imensurável riqueza que o movimento humano abarca. Temos recebido contribuições sobre os mais diversos aspectos relacionados à motricidade humana: artigos, ensaios e resumos que registram olhares sobre corpo, lazer, esportes radicais, stress, desenvolvimento motor, lesões esportivas, treinamento desportivo, educação física escolar, metodologia científica aplicada a modalidades esportivas, atividades físicas que visam à recuperação motora e uma infinidade de temas.

As contribuições não param. Professores e pesquisadores do Brasil e do exterior enviam suas propostas de publicação. Cada qual trabalha e reflete uma preocupação particular nesse mundo da motricidade humana que une tudo e todos. Apesar de seus poucos anos de vida, a *Corpoconsciência* já pode se vangloriar de ser ao menos um pequeno retrato desse mundo.

Neste número, recebemos contribuições de lugares bem distantes: de Portugal, Manuel Sérgio escreve **Maurice Merleau-Ponty; o corpo e a fenomenologia**; da Rússia, vem o artigo **Hidroreabilitação pedagógica**, escrito por professores da Academia São Petersburgo de Educação Física. Além desses, apresentamos para o leitor o artigo **A ginástica laboral e a recreação nas empresas como espaços de intervenção da educação física no mundo do trabalho**, que analisa as atividades corporais de lazer direcionadas à recuperação da força de trabalho nas empresas e o papel da educação física nessa prática; o escrito **A formação profissional na Fefisa; uma proposta de alteração**, que registra a análise dos programas de ensino do curso de Educação Física da Fefisa e

ao mesmo tempo procura criar um modelo de análise que sirva de referencial para outras instituições; o texto **Comparação do desempenho de judocas no Teste de Wingate para membros superiores com diferentes cargas**, que trata de um estudo que teve como objetivo verificar as alterações das variáveis obtidas no Teste de Wingate a partir da utilização de diferentes cargas.

Dando continuidade à discussão sobre o objeto de estudo da educação física, na seção *Ponto de Vista*, o autor destas linhas elaborou o texto **O humano do movimento**, que assinala sua visão sobre o tema proposto.

Ricardo Melani

Sumário

Ponto de vista O humano do movimento	11
<i>Ricardo Melani</i>	
Artigos	
Hidrorreabilitação pedagógica	27
<i>Dminri Mossounov; Andrei Kubasoh; Lioudmila Kovaleva; Spaks</i>	
Maurice Merleau-Ponty: o corpo e a fenomenologia	35
<i>Manuel Sérgio</i>	
A ginástica laboral e a recreação nas empresas como espaços de intervenção da educação física no mundo do trabalho	57
<i>Giuliano Gomes de Assis</i>	
A formação profissional na Fefisa: uma proposta de alteração	71
<i>José Carlos de Freitas Batista</i>	
Comparação do desempenho de judocas no Teste de Wingate para membros superiores com diferentes cargas	83
<i>Francini; Nakamura; Takito; Kiss</i>	
Produção Acadêmica	93
Iniciação Científica	105
Normas de Publicação	107

movimento

boço de vista

ponto de vista

Sobre Educação Física

A seção *Ponto de Vista sobre a Educação Física* foi criada para registrar posicionamentos diversos sobre assuntos polêmicos relacionados com o movimento humano.

O tema eleito para este e para os próximos números é o objeto de estudo da educação física. Os posicionamentos serão apresentados em forma de entrevista fixa (perguntas reproduzidas abaixo) com os representantes das principais tendências teóricas da educação física.

Neste número, contamos com a colaboração do professor
Ricardo Melani

1. Quais são os principais problemas da educação física?
2. Em sua opinião, qual deve ser o objeto de estudo da educação física e por quê?
3. Sua posição se contrapõe basicamente a quais tendências ou quais concepções na área da educação física?
4. De que maneira o objeto de estudo proposto influenciaria o ensino da educação física?
5. Quais as conseqüências da adoção desse objeto de estudo para as pesquisas relacionadas com a educação física?
6. O que mudaria para o professor de educação física?
7. Você tem mais alguma coisa a dizer sobre o objeto de estudo da educação física ou algo relacionado com esse assunto?

Sobre Educação Física

O humano do movimento

Ricardo Melani*

● **objeto de estudo**

Se advogarmos a concepção de Thomas Kuhn a respeito da demarcação da ciência, podemos definir a educação física como uma pré-ciência. Ou seja, não há um objeto de estudo, uma preocupação central que seja comum à comunidade científica dessa área de estudo. Portanto, não há compromisso com regras, padrões e procedimentos científicos válidos para todos, já que o procedimento metodológico depende do objeto estudado.

Não é o propósito deste texto discutir critérios de demarcação científica, apenas me sirvo de um critério para chamar a atenção para um problema central da educação física: a ausência de um objeto de estudo claramente delimitado. Tal ausência leva à diluição de esforços e à falta de parâmetros para identificar o que é mais ou menos importante para o desenvolvimento científico dessa área.

Muito embora não haja um paradigma, há sem dúvida um candidato a paradigma: o movimento hu-

* Professor de Educação Física da PUC-SP.



mano. Todas as propostas de estudo dessa área de alguma maneira abordam direta ou indiretamente o movimento humano. Isso talvez justifique empreender esforços na tentativa de esclarecer o significado dessa expressão.

MOVIMENTO HUMANO

O termo movimento pode ser definido como a variação, em função do tempo, das coordenadas de um corpo em relação a um referencial. Eis aí a definição genérica da palavra movimento. Essa definição foi e continua sendo muito útil para quantificar o deslocamento de um corpo, entendendo-se corpo como tudo aquilo que possui extensão e forma. Então, pode-se mensurar o deslocamento de uma pedra que cai colina abaixo, ou de um barco em alto-mar, ou de um nadador em uma prova olímpica, ou

mesmo de uma lesma que lentamente deixa sua gosma sobre o chão como testemunho de sua ação.

Mas como é possível quantificar ações e estabelecer relação entre fenômenos tão diferentes? A condição para isso é a existência de fatores comuns. No caso em questão, há algo que se repete em todas essas ações: a variação, em função do tempo, das coordenadas de cada corpo em relação a um referencial. Em outras palavras, comparam-se o tempo e o espaço dos deslocamentos. Muitas inferências podem ser feitas a partir da análise dessas relações, mas para que elas sejam estabelecidas é preciso desconsiderar as peculiaridades, pelo menos no momento da comparação. O centímetro e o segundo são unidades de mensuração que servem para determinar a

medida e o tempo do deslocamento da pedra, do barco, do nadador e até mesmo da lesma. As leis do movimento, sob a ótica da matemática e da física, são as mesmas para fenômenos diferentes.

Por esse motivo, não se pode explicar a singularidade do movimento humano pela generalidade necessária das leis da física e da matemática. Tornar o movimento humano um fenômeno expressível em quantidade é útil para muitos propósitos, mas nessa conversão se perde o que ele tem de humano. As forças e as alavancas que agem em um movimento podem ser quantificadas, mas quais são as características humanas desse movimento que não é o da lesma, não é o do barco, nem o da pedra?

O problema da definição do conceito de movimento humano está em seu segun-



do termo. Aliás, a dificuldade em definir a palavra humano acompanha a dificuldade das chamadas ciências humanas em demarcar seu campo científico de atuação. Isso porque o modelo das ciências naturais, baseado na quantificação, serve muito parcialmente às ações do homem. O mecanicismo, que é a tentativa de explicar todos os fenômenos da realidade por meio das leis da mecânica, mostrou-se irremediavelmente insuficiente para explicar esse complexo fenômeno que é o humano. O humano é imensurável.

Isso significa que todas as pesquisas até hoje desenvolvidas no sentido de buscar a quantificação de aspectos relacionados ao movimento humano devem ser deixadas de lado? Absolutamente não. Se isso fosse feito, o entendimento sobre o ser humano



retrocederia milhares de anos. O problema não se encontra nessas pesquisas, mas na absolutização delas, assim como, não está nas leis da mecânica e sim no mecanicismo. Dito de outra maneira, a quantificação de certos movimentos do homem registra aspectos específicos da ação humana, mas não explica a ação. Não se pode tomar o todo pela parte, o cômodo pela casa. O movimento humano não é a soma de quantidades, muito embora o registro, quando relativizado, tenha sua importância.

COMPLEXIDADE DO HUMANO

A complexidade humana resulta da interdependência e da indissociabilidade de duas heranças responsáveis por sua formação: a biológica e a cultural. No campo da biologia, existem diversos seres e animais complexos e sem dúvida o homem está entre os

organismos que apresentam maior complexidade. Diferencia-se de outras espécies por responder às necessidades do meio utilizando o cérebro e manipulando imagens, que é próprio da atividade mental. A elevada capacidade de manipular imagens, o raciocínio, a memória, a auto-análise são características distintas do ser humano. Mas elas são exclusivamente biológicas? Na estrutura genética do homem, estão presentes essas qualidades?

Durante muito tempo se tentou explicar o homem por meio da dicotomia natureza e cultura. Mesmo quem advogava haver uma relação entre essas duas esferas, partia da idéia de que se tratava de dois fenômenos distintos no ser humano: o natural e o cultural; o biológico e o social. Pois bem, o que é natural

e o que é cultural no homem? Onde está o limite da influência social e da influência biológica no ser humano? Uma tentativa de responder a essas perguntas seria definir a cultura como tudo de material e imaterial produzido pelo homem em sua relação com a natureza. A natureza seria regida por leis que presidem à existência das coisas e à sucessão dos seres, e a cultura seria o resultado da transformação da natureza a partir da vontade e da ação do homem. Nesse caso, a pergunta volta sob outra forma. No ato de transformação da natureza, na produção de cultura, em que homem também se transforma, onde localizá-lo? Como ser natural ou ser social?

As pesquisas mais recentes da neurociência têm demonstrado que o genoma não define todo o funciona-

mento das capacidades mentais superiores do homem. Há um *a priori*, estruturas determinadas pelo código genético, que é pressuposto para o funcionamento dessas capacidades. Mas essas capacidades são efetivadas *a posteriori*, a partir da constituição de órgãos funcionais que têm sua realidade condicionada à interação do ser com o meio. Assim, o sistema nervoso de um recém-nascido é inconcluso; a interação com o meio social é que possibilitará a aquisição das qualidades humanas – memória, raciocínio, auto-análise, percepção etc. A interação com o meio social é a interação com outras pessoas e com os produtos materiais e imateriais, ou seja, é a interação com a cultura.

Sozinho no mundo, um bebê, ainda que conseguisse sobreviver, não adquiriria to-





das as características humanas. Seria um outro ser que não o humano, pois os órgãos funcionais, em razão da falta de interação social, não seriam estabelecidos. Casos de crianças que por algum motivo se afastaram da sociedade humana nos seus primeiros anos de vida confirmam essa tese. Quando foram descobertas, agiam de forma semelhante a outras espécies animais. Praticavam quadrupedia, não choravam e a comunicação, quando havia, era muito primária. Em alguns casos foi possível estabelecer um processo de reintegração social e, aos poucos, a criança foi assimilando aspectos da herança cultural; em outros, a adaptação foi mais difícil e provocou até a morte.

Pois bem, uma das chaves para entender a complexidade humana é estabelecer

corretamente a relação entre essas duas heranças, a cultural e a biológica. Se utilizássemos um círculo para representar cada uma dessas heranças, os círculos não poderiam estar separados nem apenas intercalados. O mais próximo que essa representação geométrica chegaria da real relação entre essas duas heranças no homem é imaginar os círculos com o mesmo centro, circunscrivendo a mesma extensão e o mesmo plano. Ainda assim, a analogia deixaria a desejar. Ela serviria para demonstrar a inseparabilidade, mas não a mútua influência.

O código genético traz as características morfológicas de nossos órgãos e possibilita o desenvolvimento das capacidades mentais superiores, que são estabelecidas a partir de órgãos funcionais. Como foi dito, nós adquirimos

essas capacidades na interação com o meio social. Mas, uma vez adquiridas, elas influenciam a maioria das funções orgânicas. Assim, praticamente todas as partes do corpo podem enviar sinais para o cérebro, seja por meio de corrente elétrica (nervos aferentes) ou de substâncias químicas que surgem da atividade do corpo. O cérebro, por sua vez, atua no corpo por intermédio dos nervos eferentes ou de substâncias químicas – hormônios, transmissores e moduladores.

O corpo e o movimento humano são uma singularidade consubstanciada no desenvolvimento e na inter-relação da herança biológica com a herança cultural. No movimento está presente essa complexidade. Estão presentes o sistema nervoso autônomo e o voluntário; a intencionalidade e um mun-



do de sinais e informações comparável ao universo; o cérebro e as operações mentais, assim como a frequência cardíaca e a respiração. Mas todos esses órgãos e funções não estão presentes apenas como partes componentes, cuja soma é igual ao movimento humano. Se assim fosse, bastaria o estudo de cada parte para a compreensão do todo. O humano é uma realidade que influencia e muitas vezes modifica essas "partes".

CAPACIDADES MENTAIS SUPERIORES E ÓRGÃOS DOS SENTIDOS

Quando falamos de movimento humano, falamos de como nosso organismo se vira no mundo; como ele reage aos estímulos externos e como apreende e percebe esses estímulos. Falamos de como ele supera obstáculos na luta pela sua sobrevivência e como ele satisfaz suas

necessidades, sejam elas básicas ou de origem cultural.

A porta de entrada do mundo são os órgãos dos sentidos, mais especificamente a percepção. Durante muito tempo, a percepção humana foi estudada como fenômeno simples, encarada como uma atividade passiva do organismo, que apenas registrava a impressão sensível captada por um dos cinco órgãos dos sentidos. Assim, bastaria o desenvolvimento morfológico natural dos órgãos dos sentidos, determinado pelo código genético, para o indivíduo perceber as coisas e os objetos do mundo. Haveria uma espécie de percepção pura, fiel à realidade, que apenas registraria o fenômeno observado. Nessa perspectiva, o ato perceptivo seria igual para todos aqueles que tivessem os órgãos dos sentidos desenvolvidos natu-

ralmente. Observadores de um mesmo objeto, sob as mesmas condições de observação, perceberiam a mesma coisa.

A percepção humana, porém, está longe de ser um fenômeno simples. Ela é um processo ativo de classificação de informações novas em categorias aprendidas no convívio social. Quando o homem adquire conceitos, categorias abstratas, ele reestrutura seu processo cognitivo. Isso faz com que perceba o mundo de maneira diferente. E a percepção também se modifica, passando a selecionar as coisas de acordo com essa nova realidade.

Um fato que evidencia a influência do desenvolvimento das capacidades mentais superiores e do aprendizado social de conceitos e de categorias classificatórias na conformação da percepção humana são as cores. O ho-

mem é fisicamente capaz de perceber milhões de matizes diferentes, mas apenas nomeia algumas poucas dezenas de cores. Há cores que podem, mas não são percebidas, isso porque existe uma seleção cultural na percepção dos vários sentidos. Por exemplo, os esquimós discriminam diversas tonalidades de branco pois tais diferenças são importantes para sua sobrevivência na neve. Essas variações de cor informam se a neve é dura, mole, suja, se está derretendo, se está caindo etc. A maioria da população terrestre não discrimina essas mudanças de tonalidade simplesmente porque isso não tem relevância social e não é ensinado.

Assim, tudo indica que os órgãos dos sentidos têm seu funcionamento em grande parte determinado pela prática cultural. A percepção

está intimamente ligada às funções de abstração e generalização da linguagem. Quando uma pessoa percebe um objeto material, ela o seleciona e o classifica segundo o instrumental de generalização que adquiriu até aquele momento. Uma pessoa não tem apenas uma impressão sensível quando olha, ouve, toca, degusta ou quando cheira algo. Ela vê, escuta, toca, sente o sabor e o cheiro à maneira humana.

MOVIMENTO HUMANO E SIGNO

Vida e movimento são quase sinônimos. Dos organismos mais simples aos mais complexos, quando há vida há movimento. Mas o movimento varia de acordo com as respostas dadas aos estímulos externos. Os organismos mais primários se movem sem mediação, reproduzem o esquema estímulo-resposta. Alguns animais respondem





aos estímulos externos mediadamente: entre o estímulo e a resposta, há manipulação de signos. O alto grau de coordenação signica é uma característica do ser humano.

Em alguma fase do desenvolvimento filogenético, por causa de seu movimento, o hominídeo começou a operar com signos, e esse fato abriu a porta para que ele começasse a satisfazer suas necessidades de maneira completamente diferente da dos outros animais. A partir de então, ele empreendeu uma viagem para o humano. Ele foi criando instrumentos que multiplicaram suas capacidades motoras e tal feito foi propiciando um desenvolvimento ainda maior da coordenação signica. O desenvolvimento motor e o cognitivo do homem fazem parte de um mesmo processo.

Conhecer o mundo significa de alguma maneira representá-lo, já que os objetos do mundo são exteriores ao homem. O elemento básico dessa mediação do homem com o mundo é o signo. O signo, grosso modo, é aquilo que representa alguma coisa para alguém. Ele estabelece uma relação com o objeto que sinaliza. Ao mesmo tempo, o signo cria um equivalente, um outro signo na pessoa a que se dirige. Assim, o homem vai de signo em signo interpretando o mundo.

Parte dos estímulos nervosos dos órgãos dos sentidos que chegam aos respectivos córtices sensoriais, provocados pelos fenômenos do mundo, são transformados em signos. Como a corrente elétrica dos neurônios se transforma em signos? A ciência ainda não conseguiu responder satisfatoriamente a

essa pergunta. Hoje essa questão é uma das preocupações centrais de parte dos neurocientistas. De qualquer maneira, o importante é perceber que o homem assimila a herança cultural, entende o mundo e age sobre ele com a mediação de signos.

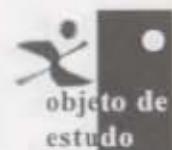
O movimento humano é sobretudo intencional. A diferença entre uma ação humana e outra qualquer não está só no produto final, mas principalmente no meio: os instrumentos externos e os internos (signos) utilizados na ação. Esse é um dos aspectos mais singulares da ação humana.

OBJETO DE ESTUDO E AÇÃO PROFISSIONAL

A adesão a esse entendimento sobre a motricidade humana tem implicações diversas para a educação física, enquanto área de estudo, e para os profissionais, sejam

eles atuantes em nível de licenciatura, de bacharelado ou pesquisadores. A motricidade humana não se restringe a práticas desportivas e as atividades físicas sistemáticas. A ação motora humana está presente em um simples gesto, como um aperto de mão, ou em atividades coletivas, como uma partida de futebol. Todas essas variações do movimento humano são passíveis e merecedoras de reflexão e de estudo. Ao adotar a motricidade humana como objeto central de preocupação, há concomitantemente a ampliação das perspectivas de atuação do profissional de educação física.

Evidentemente já não estamos falando da educação física tradicional, mas de uma ciência cujo objeto de estudo é o movimento humano. A ação educacional direcionada para os aspectos da aprendi-



zagem motora seria uma parcela importante dos esforços voltados para o entendimento do fenômeno complexo que é a motricidade humana. No entanto, seria uma parcela, um ramo pedagógico da ciência do movimento humano, que não se reduziria aos processos de aprendizagem motora. Por exemplo, o estudo da intencionalidade do movimento, os aspectos semióticos da ação motora teriam que necessariamente estar presentes no campo de preocupação dessa ciência. Assim, uma série de subsistemas fariam parte da ciência do movimento humano.

Por tudo que foi dito, a expressão educação física deixa de ter sentido. Educação física é um termo que tem origem na visão dicotômica de homem. Tal visão está baseada na dissociação entre a

ação motora e o pensamento, entre o movimento e as idéias; está baseada no divórcio entre a motricidade e a intenção (os signos). Em última instância, essa expressão está firmada em uma impossibilidade: a educação exclusiva do físico. O termo educação física teria de ser deixado de lado, pois ele não corresponde às necessidades da nova ciência.

A mudança de nome apenas seria a consequência de uma nova abordagem para a motricidade humana que alteraria profundamente o *status quo* do que hoje se entende por educação física. Se o movimento humano passa a ser entendido como uma complexidade consubstanciada pelas heranças biológica e cultural, se ele não é um fenômeno meramente natural, toda ação motora deve ser contextualizada para

que sua análise possa evidenciar as influências sociais – interesses econômicos e políticos, tradição religiosa e cultural etc. Ultrapassa-se, assim, a visão naturalista que durante muito tempo foi predominante na comunidade dos profissionais da educação física e que ainda hoje explica o emprego exagerado dos métodos das ciências naturais para compreender a conduta motora humana. Compreender determinado movimento não significa reduzir sua análise aos aspectos mecânicos, ainda que esses aspectos sejam componentes básicos do movimento.

Levando-se ainda em conta que o movimento humano sintetiza o acervo biológico e o cultural e que uma de suas características centrais é a intencionalidade, então, como consequência, na análise do movimento huma-

no o professor de educação física não deve dissociar ação de intenção. A coordenação signica presente na ação é o que configura o movimento humano. Todo estudo e toda análise da motricidade, se se quer apreender a complexidade desse fenômeno, têm de levar isso em consideração.

Por exemplo, como o desenvolvimento motor e o cognitivo fazem parte de um mesmo processo, a ação profissional do professor de educação física relacionada ao aprendizado motor deve se basear na assimilação signica do indivíduo e na relação dessa com o desenvolvimento motor. Assim:

(a) os processos pedagógicos devem estimular o desenvolvimento potencial da criança, normal ou deficiente, a partir dessa relação (ressalve-se que o produto final não tem tanta importância quan-



to o meio utilizado, pois é possível encontrarmos respostas motoras iguais, não obstante a mediação signica utilizada indique estágios de desenvolvimento diferentes).

(b) os processos pedagógicos para o aprendizado motor voltados para adolescentes e adultos devem basear-se em diagnósticos que também levem em conta a relação da assimilação signica com o aprendizado motor. Isso possibilitaria a identificação de problemas na aprendizagem motora e facilitaria a aprendizagem de novos movimentos. Dito de outra forma, os problemas de execução téc-

nica de movimentos na grande maioria dos casos não se restringem à ação motora, mas estão relacionados também com sua representação.

(c) os processos pedagógicos voltados para deficientes físicos congênitos – cegos, surdos e outros – devem promover ações motoras que estimulem a aquisição das capacidades mentais superiores utilizando signos de outros órgãos sensoriais que não o deficiente. A porta de entrada do humano está na aquisição da linguagem e ela pode ser adquirida por meio de qualquer órgão do sentido.

ARTIGOS A

Artigos r

Artigos t

Artigos i

tigos g

Hidrorreabilitação pedagógica

Pedagogical hydrorehabilitation

Dminri F. Mossounov*

Andrei V. Kubasoh*

Lioudmila Y. Kovaleva*

Shpaks S.*

* Professores da Academia São Petersburgo de Educação Física P. F. Iesgaft - São Petersburgo, Rússia

Resumo: Objetivo da pesquisa é estudar meios pedagógicos de se usar ambiente aquático no processo de ensino da natação para crianças com problemas de desenvolvimento.

Abstract: The aim of the research is to study the pedagogical means of using aquatic environment in the process of teaching a child with developmental problems to swim.

INTRODUÇÃO

A hidrorreabilitação pedagógica é parte da reabilitação aquática e uma tendência educacional e científica na teoria e nos métodos de educação física, treinamento esportivo e atividades físicas na Rússia. Visando à reabilitação, o aumento e o desenvolvimento das qualidades físicas, intelectuais e espirituais de uma pessoa, a hidroterapia estuda os problemas da transferência de habilidades motoras para o aluno, por parte do professor, com o uso do conhecimento de leis, fenômenos e processos de interação com o meio aquático.

Esta tendência do trabalho científico e prático deve-se à necessidade de um desenvolvimento global, formando crianças e adolescentes mais saudáveis. A hidroterapia usa métodos ecologicamente limpos para adaptar o organismo às condições de um ambiente aquático, sem o recurso de remédios, mas de meios pedagógicos para adquirir um nível de desenvolvimento físico, intelectual e mental qualitativamente novo e mais elevado. Ela também possibilita uma atividade social para a criança com problemas de desenvolvimento. Contudo, os pais de uma criança nessas condições não podem usar os meios e os métodos eficazes de hidrorreabilitação porque seus aspectos pedagógicos ainda não são aplicados.

MÉTODOS

Neste trabalho, a experiência de trinta anos

com pesquisa teórica e prática da organização social "Plavin" é feita como um todo. Mais de 600 crianças e adolescentes, de 6 a 18 anos, com problemas desenvolvimentais aprenderam a nadar com base no "Plavin". Durante vinte anos, 164 estudantes, 4 pós-gradua dos e 26 especialistas trabalharam usando o curso de treinamento em natação desenvolvido por D. F. Mossounov (Academia de Ed. Física).

Crianças com problemas de desenvolvimento e com seqüelas deixadas por doenças tiveram aulas a partir das quais pesquisas médicas foram realizadas e vídeos produzidos: quadro pós-ferimentos e amputações, paralisia cerebral, encefalopatia, encefalomielopatia, miopatia, autismo, síndrome de down, oligofrenia, epilepsia, hemiparesia, microcefalia, hidrocefalia, hemofilia, diabetes, escoliose, seqüelas da poliomielite, com danos à audição e à visão, ao sistema nervoso central e periférico, cardiovascular, imunológico, somático e outros sistemas.

Todas as crianças se submeteram a check-ups médicos frequentes feitos por médicos da família.

RESULTADOS

Cem por cento das crianças que tiveram um curso elementar de hidrorreabilitação pedagógica individual aprenderam a nadar, ultrapassando os 25 metros. O objetivo principal do treinamento é atingido quando uma criança aprende a nadar a ponto de não morrer afogada.

No processo de estudo, crianças e adolescentes tiveram oportunidade de fortalecer a saúde e desenvolver a cada ano um nível de ações motoras novo e qualitativamente mais alto. Com a atividade social e o aprendizado elementar da natação, eles desenvolveram atividades físicas, intelectuais e mentais nas condições de um ambiente aquático. Há que se ressaltar que em alguns casos, depois das aulas na piscina, as crianças começavam a andar e a falar pela primeira vez em seus 12 anos de vida. A maioria delas já podia ter atitudes adequadas em casa e encontrar seu próprio caminho na vida em sociedade. Sua memória progrediu, a educa-

ção em geral desenvolveu-se e os sistemas nervoso central e periférico, além do vegetativo, fortaleceram-se. Especialistas observaram que o tratamento médico de algumas doenças nervosas, mentais e somáticas avançava depois de aulas na piscina.

A base didática do sistema de hidrorreabilitação pedagógica parece ser a razão desse progresso. Há uma disparidade entre as atividades motoras de um aluno com problemas de desenvolvimento e a experiência motora de uma pessoa saudável. O problema maior do desenvolvimento preliminar do treinamento é o número individual de lições necessárias para a obtenção dos resultados: uma criança pode necessitar de apenas uma lição para aprender a nadar, enquanto outra, de um ou dois anos.

Os principais fatores levados em conta para conseguir crianças mais saudáveis são: o tempo de duração das aulas, a perda aparente de peso na água, a orientação espacial das linhas geomagnéticas terrestres, os fenômenos hidromecânicos e a composição iônica da água.

O melhor horário para a prática da natação deve ser escolhido em função de características específicas da doença, de acordo com os ensinamentos da antiga medicina. Devido à perda de peso durante o período de imersão de uma pessoa na água, ocorre uma sensação estranha de que o corpo perdeu peso. Eles dá a criança a oportunidade de executar movimentos sob uma menor ação da gravidade e sem o medo de cair no chão duro.

Desenvolve-se um método de contato para o ensino preliminar e individual da natação. O princípio básico para se ensinar uma criança com problemas de desenvolvimento a nadar é o "da ação motora espontânea para o aprendizado sucessivo de novas possibilidades" e o princípio da "paciência". Levando-se em conta a doença principal do aluno, alguns métodos de desenvolvimento de ações motoras são testados. Por exemplo, o estudante A.V. Kubasob utilizou o método da natação emocional. Ele ensina estudantes mais jovens a fazer contato com crianças deficientes. O estudante de pós-graduação D. Y. Kazabov e o estudante S. L. Shpak sugeriram



o sistema original de se ensinar crianças autistas a nadar. M. D. Mossounova desenvolveu o método de se ensinar crianças epilêpticas que estão sob tratamento médico.

Situações cruciais que aparecem durante o ensino de crianças deficientes e saudáveis são reveladas por D. F. Mossounov e D. F. Sazykin (tabela 1 e 2). Meios e métodos de prevenção e superação de situações críticas são desenvolvidos, assim como a avaliação dos perigos que apresentam.

Experiências pedagógicas levadas a cabo durante vinte anos mostram que no processo de ensino dos estudantes, utilizando treinamento de crianças com problemas de desenvolvimento, apenas 25 a 35 % deles continuam o trabalho voluntário com elas depois de graduados pelo Instituto. Deve-se destacar aqui que muitas aulas com as crianças influenciam negativamente a saúde dos professores.

O prof. D. F. Mossounov desenvolveu e testou os métodos de ensino e os currículos dos fundamentos da hidroreabilitação pedagógica para estudantes em tempo integral no Departamento de Natação (carga de 120 h), para o curso de aperfeiçoamento na Academia e Institutos de Educação Física (carga de 80 h) e para um curso dirigido aos pais (carga de 20 h).

O prof. L. Y. Kovalyova vem trabalhando nos dicionários especiais de inglês-russo e russo-inglês para os professores e estudantes de natação.

Atualmente os estudantes do Departamento de Natação da Academia Estadual de Educação Física "P. F. Lesgaft" têm quatro anos de prática com crianças em piscina.

Os professores mais importantes da Academia possuem quin-

Tabela 2 - Situações críticas durante o período de ensino preliminar da natação a crianças inválidas e crianças saudáveis (D. F. Mossounov e V. G. Sazykin)

Nº Situação observada	Situações críticas	
	de deficientes	de saudáveis
1. Sufocamento	27,0	36,8
2. Criança entrando na água	16,6	18,7
3. Nadando com uma prancha	7,9	5,2
4. Chutes, golpes	6,1	-
5. Segurança proporcionada pelo professor	4,3	-
6. Com o professor segurando	4,3	-
7. Saindo da água	3,5	3,1
8. Professor levantando a criança para fora da água	3,5	1,8
9. Mordidas	3,5	-
10. Nado de costas	9,3	30,0
11. Conversação	2,6	-
12. Apoio dado pelo professor	1,7	-
13. "Montando" no professor	1,7	-
14. Ajuda dada pelo professor	1,7	-
15. Explicação dada pelo professor	1,7	-
16. Queda na água	1,7	2,5
17. Ajuda dada com uma vara	0,8	1,9
18. Indo ao fundo com ajuda do professor	0,8	-

Tabela 1 - Avaliação do perigo durante o desenvolvimento de situações críticas e a tomada de decisões pedagógicas

Grau e avaliação do perigo	Sinal de perigo	Categoria de recusa	Possíveis razões do perigo	Recomendações
Não-perigoso	Ausente	Não-existente	Organização segura das aulas	Aulas sem restrições
Não muito perigoso	A criação de situação crítica é possível	Recusa temporária de fazer exercícios	Capacidades não mostradas pela criança	Socorro ativo
Um pouco perigoso	A criação de situação crítica é uma necessidade	O objetivo do aprendizado está distante	Erros de método do professor	Corrigir os erros, continuar a aula
Perigoso	A criação de uma situação crítica é evidente	Ameaça à vida e à saúde	Más condições das instalações, má qualidade do professor	Corrigir o trabalho, melhorar a qualificação do professor
Muito perigoso	Uma situação crítica é absolutamente evidente	Morte	Negligência do professor	Aulas são proibidas, providências são tomadas

Maurice Merleau-Ponty: o corpo e a fenomenologia

Maurice Merleau-Ponty: the body and phenomenology

Manuel Sérgio*

* Professor da Faculdade de Metricidade
Humana da Universidade Técnica de Lisboa

Resumo: O autor procura integrar as noções de corpo e motricidade, em Maurice Merleau-Ponty, na escola fenomenológica.

Abstract: The author attempts to unite the notion of body and motricity, in Maurice Merleau-Ponty, in the phenomenology school of thought.

Um dos traços mais característicos da nova antropologia, como ela tende a constituir-se, está na tendência para considerar o homem como uma unidade de corpo e alma, podendo talvez dizer-se que nunca a multiplicidade contida dentro desse todo do ser humano foi tão profundamente descortinada como hoje. O velho dualismo de origem platônica e cartesiana passou à história [...]. Foi especialmente a medicina, com a sua teoria das doenças psicogenéticas, que demonstrou quão profunda é a influência do psíquico sobre o corpo. De modo que, pode dizer-se, a tendência é hoje no sentido, não de pretender explicar o psíquico pelo fisiológico (nem, vice-versa, o fisiológico pelo psíquico) mas, pelo contrário, no sentido de os encarar a ambos primariamente; isto é, como formando uma absoluta unidade e totalidade vital psicofísica.¹

Citação de um livro cuja primeira edição já é velha de sessenta anos, em que se aquarela o termo da razão metafísica platônica e a simultânea vontade de nada excluir, no sentido da complexidade humana. A complexidade não significa

mera complicação. Nem aliás nela se prolonga.

É qualquer coisa de mais profundo, que emergiu várias vezes na história da filosofia. É o problema da dificuldade de pensar, porque o pensamento é um combate com e contra a lógica, com e contra as palavras, com e contra o conceito [...]. Mas hoje este problema é colocado pela enorme transformação que está a operar-se nas diferentes ciências da natureza e do homem, pelo menos nos seus setores de ponta. Além disso, o problema da complexidade tornou-se uma exigência social e política vital, no nosso século: damos-nos conta que o pensamento mutilante, isto é, o pensamento que engana, não porque não tem informação suficiente, mas porque não é capaz de ordenar as informações e os saberes, é um pensamento que conduz a ações mutilantes.²

Ora, um conhecimento científico agitador de inquietações e problemas e com a noção constante dos seus limites é coisa nem sempre visível na história das ciências.

O conhecimento científico acreditava assentar sobre dois fundamentos seguros: a objetividade dos enunciados científicos, objetividade estabelecida pelas verificações empíricas, e a coerência lógica das teorias que se fundavam nestes dados objetivos [...]. Ora, esta aventura heróica do pensamento, para adquirir e fundamentar a certeza científica, resultou num fracasso total³.

Com efeito, “como diz Popper, a objetividade dos enunciados científicos reside no fato de poderem ser intersubjetivamente submetidos a testes”⁴. E, porque as ciências alicerçam o seu discurso em fundos caboucos de subjetividade, “será necessário determinar um outro conceito de objetividade, decorrente não do objeto mas da ligação ao objeto, isto é, da sua construção”⁵. Kant revivesce, neste passo – outro Kant, capaz de outra síntese em que, nas janelas rasgadas da imaginação, a par de raciocínios inevitáveis, se pudesse espriar o olhar pela afetividade, pelo inconsciente. Uma síntese da complexidade em que os macroconceitos,

integrados num sistema, ordem e desordem, interação e organização, pareçam explicar as relações todo-partes. E, no caso do homem, *individualidade* (ser computante e portanto subjetividade) e *pessoa* (agente e fator de história e cultura), pode conceber-se a sua complexidade e as suas relações com o ecossistema, sem a palavra-chave: motricidade?...

Martin Heidegger, como se sabe, considerava o *Ser* como a questão fundamental levantada pelo século XX. “As escolhas são sempre menos livres do que vulgarmente se imagina”⁶, mas julgo dever atribuir-se lugar de relevo, na ciência e na filosofia dos nossos dias, ao estudo do homem como realidade somatopsíquica, nomeadamente na sua dimensão corpórea⁷.

Na psicanálise, o *eu* é primeiramente um eu corporal, dizia S. Freud, e mais tarde W. Reich, entre outros autores, sublinhando a identidade entre as atitudes mentais e as atitudes corporais. Em psicologia do conhecimento, toda a obra de H. Wallon e a de J. Piaget tendem a evidenciar o papel da atividade corporal no desenvolvimento das funções cognitivas. Mas foi sobretudo a fenomenologia da percepção a insistir, depois de Maurice Merleau-Ponty, no fato indiscutível de o corpo ser a referência permanente, como princípio biológico de referência ao mundo⁸.

Na realidade, Wallon, Piaget, a psicanálise, a pedopsiquiatria, a psicopatologia e a neuropsicologia predominam entre as causas próximas desta irreversível e constante inovação do corpo na cultura contemporânea. Ortega Y Gasset, verberando os excessos da Contra-Reforma e do cartesianismo, soube reconhecer que “esta reivindicação do corpo é uma das melhores normas do nosso tempo”⁹.

Mas quem dedicou ao tema fundo labor filosófico foi sem dúvida a escola fenomenológica, no qual Edmund Husserl e Maurice Merleau-Ponty merecem posição de relevo. Ficavam para trás, como farrapos de frases insignificantes, a desvalorização do corpo pelo homem medieval, que o apodava de “cofre de nojos” ou “jumento vil”¹⁰.





Merleau-Ponty (1908-1961) elabora a sua obra partindo (como Sartre) da fenomenologia e num ambiente cultural onde se entrecruzavam, inconformistas e militantes, o existencialismo, o marxismo, o personalismo e até o estruturalismo. O cartesianismo já não tinha forças para obstaculizar a passagem do sujeito ao objeto ou para dividir o homem em duas substâncias incomunicáveis. O Contemporâneo de Merleau-Ponty, Gaston Berger, fazia do tema a grande idéia central de um livro onde escreveu: "O homem está todo, em tudo o que faz"¹¹. Assistia-se a um ímpeto demolidor contra o racionalismo tradicional – que se prolongou, depois, em muitas "consciências vigilantes", como Robert Aron: "A fraqueza atual do Ocidente reside, no fato de ter assimilado em demasia o cartesianismo"¹². De qualquer forma, situando-se na intercessão de correntes várias, Merleau-Ponty modelou a sua perspectivação de homem porque de fato o homem constitui o ponto central e referencial de sua filosofia: "O herói de hoje não é Lúcifer, nem tampouco Prometeu, é o homem"¹³.

Para tanto, no lugar de lançar mão de tediosas sebentas, Merleau-Ponty pediu auxílio à fenomenologia, a qual se orienta para o estudo das essências, acreditando que todos os problemas encontram solução na definição delas. Simultaneamente, a fenomenologia coloca as essências na existência, já que não pode compreender-se o homem e o mundo senão partindo da facticidade¹⁴. No entanto, a aquisição da fenomenologia que mais atenção tem merecido é a noção de intencionalidade (a fenomenologia seria mesmo, por definição, a ciência da intencionalidade da consciência), pois que toda consciência é a consciência de alguém ou de alguma coisa. A consciência, continua Merleau-Ponty, não é um horizonte de ilimitadas possibilidades, pois que se trata de um "projeto do Mundo". A fenomenologia, como qualquer ciência do positivismo, não se reduz ao domínio do empírico. Entre a a percepção psicológico-natural e a a percepção fenomenológica, existe uma radical oposição, porque a fenomenologia é uma crítica radical da experiência, é a questão



que indaga sobre a essência da experiência. E assim compreender, fenomenologicamente falando, "é captar de novo a intenção total"¹⁵. E, como toda realidade humana é mundo também, às coisas, aos fatos, aos acontecimentos, à palavra, ao gesto, ao silêncio ilumina-os um sentido que se torna importante des-velar. De fato, "estamos condenados ao sentido"¹⁶. Por isso, a consciência é centrífuga: "desde que haja consciência, é preciso que algo aconteça de que ela seja consciência"¹⁷. Ela não poderá entender-se senão como ato significativo que dá e encontra sentido. E se a consciência desemboca na existência, identificando-se com ela, não só o idealismo e a psicologia intelectualista não passam de logros, como será a partir da intencionalidade existencial que devemos descobrir o homem e o mundo. Ora, as essências, o sentido e a significação do mundo e das coisas alcançam-se tão-só por meio da percepção: "a visão da essência é uma repetição intelectual, elucidação ou explicação do que tem sido concretamente experimentado"¹⁸.

Assim, se a fenomenologia se ocupa das significações e das essências das coisas e se, por sua vez, as essências nos remetem à percepção, como veículo único de comunicação e diálogo, urge dilucidar a função específica da percepção, pois dela brota

a significação fundamental, a verdade implícita na própria existência, que deverá servir de fio condutor a toda reflexão [...]. A reflexão terá de estar sempre vinculada a um irrefletido, a objetividade supõe sempre uma inobjetividade que e justamente o seu índice existencial, a sua inerência histórica e natural; conhecendo-se como acontecimento, a reflexão é radical, não perde de vista a sua raiz corpórea e, portanto, nunca se absolutiza, nunca transforma a realidade numa totalidade acabada, configurada, perfeitamente determinada a partir de uma subjetividade autônoma¹⁹.

Descartes e Kant pelejaram ardentemente para desvincular o sujeito ou a consciência da existência, adiantando, como condição absoluta, a certeza da consciência e o ato de vinculação como fundamento do vinculado. O "homem interior" agustiniano não



pode assumir plenamente a verdade. Filósofo da condição humana, como Sêneca, o homem é, para ele, um sujeito “votado ao mundo”²⁰. A percepção da existência concreta, no mundo, supera e fornece pistas para muito além da antinomia subjetivismo-objetivismo. Com a percepção e pela percepção, desmonta-se, com extensão e intensidade, o triunfalismo do sujeito que canta a vitória do interior sobre o exterior, do espiritual sobre o material, do sujeito sobre o objeto e o arreganho do objeto que hipervaloriza, como instância última, a matéria.

Tem-se discutido interminavelmente sobre essas duas posições filosóficas – quando afinal o homem está-no-mundo, através do corpo e “forma com ele um sistema”²¹. Por outro lado, o mundo está-em-mim, numa relação tão íntima como a que existe entre todas as partes do meu corpo. Conseqüentemente, “a percepção exterior e a percepção do próprio corpo sofrem mutações, ao mesmo tempo, porque são as duas de um mesmo ato”. Dessa forma, eis a regra máxima consignada na *Phénoménologie de la perception*: “se filosofar é descobrir o sentido primeiro do ser, não se filosofa então abandonando a existência humana, pois ao invés é preciso submergir-se nela. O saber absoluto do filósofo é a percepção”²².

Toda a razão teórica funda e orienta tonitruantes apoloéticas – o verdadeiro saber determina-se tão-só nos horizontes abertos pela percepção. E tudo isso porque o homem, mais do que um conceito operatório, consiste numa consciência encarnada que concretiza a sua intencionalidade, por meio do corpo, o qual, por seu turno, não exhibe “um conjunto de órgãos justapostos, mas um sistema sinérgico cujas funções todas se reconhecem e vinculam no movimento geral do ser-no-Mundo”²³. O homem, como unidade estrutural e através do seu esquema corporal, realiza não só a unidade do seu mesmo ser, mas também a unidade dos sentidos e do objeto. A percepção não é para ser pensada, com um certo diletantismo, porque se trata de um ato vinculante, entre um corpo e um objeto, com tal estrutura e força que somos do objeto e



nos confundimos com o corpo. Em 1947, diante da Sociedade Francesa de Filosofia, Merleau-Ponty resumiu assim o conceito de percepção: “Perceber é tornar presente qualquer coisa, com a ajuda do corpo”²⁴. O primado da percepção sobre a razão e o entendimento quer acenar um adeus definitivo à filosofia tradicional. Nem explicações pelas causas últimas, nem as grandes teses da filosofia tomista²⁵, nem ciência rigorosa ereta sobre fundamentos alheios, nem empirismo de associação, ou apriorismo de qualquer espécie – porque filosofia e fenomenologia se equivalem na busca de um sentido original, “transcendência do extremo subjetivismo e do extremo objetivismo na intersecção do racional e do experimental, fundação do ser e do logos, dados com o fato inultrapassável do mundo”²⁶.

Se pretendemos alcançar e descrever o comportamento humano como ato estruturante e significativo, isso implica a coragem de reconhecer que, entre o homem e o mundo, o pensamento e a matéria, existe uma simbiose e uma interdependência, no lugar da insularidade de substâncias que se excluem. Se espaiarmos o olhar pela psicologia experimental, com rigorosa avaliação, logo nos espantará a pluridiversidade, a equivocidade e a ambigüidade da noção de comportamento. Pavlov, Watson, Goldstein, Kohler diferem na identificação e definição do comportamento humano. O behaviorismo, ao afastar, com denodo, a noção de forma ou de estrutura, conhece o comportamento como um conjunto de reações pontuais. A intencionalidade ficaria assim arredada do comportamento. O gestaltismo afirma ser a percepção uma totalidade não resultante da soma das sensações. Para os psicólogos da *gestalt* (forma), percebemos constelações estruturadas de estímulos e não de elementos adicionáveis. Em simples “fait divers” cotidianos, encontramos inúmeros exemplos em abono da *gestalttheorie*. A melodia que nos entenece é constituída apenas por um conjunto de notas musicais? Assim não se passa, na realidade, pois que é a sua organização global a possuir significado perceptivo.



Outra noção fundamental, no gestaltismo, é a de campo. Depois da noção de estrutura, com a sua organização indissociável, surge, no ideário da psicologia da forma, o campo, o qual deverá entender-se como um campo eletromagnético, “com as suas características forças de atração e repulsão”, as quais, “equilibrando-se, determinam todos organizados, com estruturas próprias, a que os elementos se subordinam, ocupando funções e lugares específicos”. Segundo Merleau-Ponty, entretanto, a *gestalttheorie* não caminhou até às últimas consequências, porque

as reações de um organismo não são compreensíveis nem previsíveis, se se reduzem a contrações musculares, pois são atos que se orientam a um determinado ambiente, presente ou virtual; e só nesta perspectiva se tornam plenamente compreensíveis, já que a vida nunca é um conjunto de reações²⁷.

Se se pretende teimosamente manter o organismo tão-só ao nível do biológico, não conseguiremos eliminar um novo vitalismo. Merleau-Ponty, incrédulo ou duvidoso do que a psicologia vigente lhe ofertava, propõe que a conduta humana tenha um sentido inconfundível. O organismo distingue-se dos sistemas da física clássica, dado que não admite divisão, no espaço e no tempo. Mas o nosso filósofo advoga mais, pois “a unidade dos sistemas físicos é uma unidade de correlação e a dos organismos uma unidade de significação”²⁸. A percepção de um corpo vivo, ou de um “corpo fenomenal”²⁹ não se circunscreve a um mosaico de sensações, visto que esse mesmo corpo é uma estrutura que tem a ver consigo própria e com o meio circunvolvente. O organismo, porque é totalidade, apreende-se, qual fenômeno dotado de uma atividade determinada, e só em atividade pode compreender-se corretamente. Em poucas palavras: encerra o organismo, como totalidade, uma intrínseca significação que importa ver, compreender e valorizar. Os contatos entre o organismo e o ambiente, por vezes fascinantes, não são fáceis de compreender, visto que são relações dialéticas, radicalmente distintas das relações mecânicas. Por isso, a consciência, mais do que um frágil espelho ou um reflexo ser-

vil, “é sobretudo uma rede de intenções significativas, umas vezes claras por elas mesmas, outras vezes, pelo contrário, vividas mais do que conhecidas”³⁰.

Em Merleau-Ponty, o fenômeno não nos arrasta para longe da essência, nem se fecha numa rígida superficialidade. Nada de humano se reduz à pura facticidade, porque o homem é um pensamento em ato. Ao definir-se o homem como “voué au monde”, invoca-se de imediato o corpo, como “veículo do ser-no-mundo”³¹ e “como princípio estruturante”. Com efeito, “eu não estou diante do meu corpo, estou no meu corpo, ou melhor, sou o meu corpo”³². Movimentar o corpo não equivale ao transporte de um peso inerte, de um lado para o outro, mas a caminhar intencionalmente numa certa direção. A reabilitação do corpóreo, em que Merleau-Ponty se empenha; esta vontade intransigente de sustentar a existência de um radical sensível, no inteligível; a procura da lógica do ser, na auscultação da experiência do sensível – não faz este filósofo esquecer que o homem não é só corpo. Um espírito o penetra e o anima e permite-lhe ser, na realidade, um corpo humano. Afigura-se obstinação facciosa esquecer a espiritualidade humana. Em Merleau-Ponty, contudo, o conhecimento da espiritualidade não origina qualquer apologia, mesmo involuntária, do idealismo. Para ele, matéria, vida e espírito não se apresentam com três ordens de realidades ou três ordens de seres, mas como três planos de significação, ou três formas de unidade. Os momentos e os movimentos do ser vivo só podem descrever-se e compreender-se, partindo de uma linguagem específica e “segundo as categorias de uma experiência original”³³. Nessa admirável totalidade, o espírito não surge como uma terceira ordem que se justapõe ao físico e ao vital, na esteira da resvaladiça sedução de separar os três elementos de todo o humano, “mas antes como sua condição de possibilidade e fundamento”³⁴. Nesse ponto, o autor de *La structure du comportement* coloca o acento tônico no problema das relações alma-corpo e julga poder resolvê-lo³⁵. Aludindo a Descartes e a Kant, procura desnudar as insufici-



ências desses dois filósofos na análise do vivido. A alma não opera sobre o corpo só porque a nossa conduta assume um significado espiritual. Essa posição teórica averbou, através da história, obras de cunho agressivo e satírico contra a dimensão corpórea e sensível do homem. Ora,

"o nosso século [escreveu Merleau-Ponty] apagou a linha divisória entre o corpo e o espírito e vê a vida humana como espiritual e corporal ao mesmo tempo e sempre apoiada no corpo [...]. Para muitos pensadores, partícipes do clima finissecular, em que o kantismo e o positivismo imperavam, o corpo era um bloco de matéria, um feixe de mecanismos. O século XX é que aprofundou a noção de carne, ou antes, de corpo animado³⁶."

E, arejado por ventos de originalidade, supera a dicotomia alma-corpo. Este não é um objeto, como tantos fastidiosos mistificadores o propugnam, antes pelo contrário: é o lugar onde eu me experimento como existente! Tornou-se mesmo imperioso, numa dialética de montagem-desmontagem, ultrapassar a explicação fisiológica e mecanicista, que faz do corpo um mosaico de sensações e da alma um epifenômeno da matéria, para ressituarlos numa visão de conjunto e lançar uma sólida ponte que ponha termo à incomunicabilidade entre ambos e explique as relações alma-corpo, como estrutura existencial e significativa.

Enquanto o corpo for definido pela existência em si, funcionará inalteravelmente como um mecanismo; enquanto a alma se definir pela pura existência para si, não conhecerá senão objetos desligados dela³⁷.

Ao enfrentar-se o comportamento humano, comprova-se que ele não é uma coisa que existe em si, mas "um conjunto significativo", uma unidade estrutural, na qual a alma não é "o sentido do corpo, nem o corpo a manifestação da alma"³⁸, porque vive e revive, na estrutura, a realidade fundamental, que não deve jamais iludir-se. No entanto, no meu corpo, aumenta a toda hora a extensão do *por-dizer*, por não ser possível interpretá-lo por meio de signi-

ficações lógicas. É que o corpo, porque experiência vivida, provoca interminas e sucessivas leituras. A própria relação alma-corpo deve pôr-se e compreender-se na perspectiva de um corpo vivido, que se orienta para o mundo e capta através de perfis e não de um modo perfeitamente definitivo. Repetindo: alma e corpo não se unem, acidental e exteriormente, por constituírem ambos uma estrutura, na qual (e só na qual) é possível interpretar. Se definirmos a percepção como o ato pelo qual conhecemos as existências, então todos os problemas do mundo vivido remetem à percepção, a qual cimenta a certeza de que "o corpo e a alma são significações com sentido tão-só ao designio interpretativo da consciência"³⁹.

Todo o percebido, mais do que explicar-se por um processo de estímulo-resposta e como um procedimento neurofisiológico, é sobretudo significação e refere-se diretamente à consciência, cujo processo reinstaura uma singularidade distinta do esquema da causalidade habitual no positivismo. Portanto, se a integridade do corpo é condição da nossa integridade, não é menos certo que não podemos identificá-lo a simples máquina, nem a alma pode confundir-se a um para si, pois que ambos os elementos constituem uma estrutura humana inconfundível. A consciência imbuída de intencionalidade e o corpo dotado de movimento, ao integrar-se numa unidade humana, formam uma significação existencial, onde é dado e nos é dado um relacionamento dialético entre o organismo, o pensamento e o mundo que está aí. Urge ainda clarificar a noção de movimento humano. Segundo esta filosofia da encarnação, fica reforçada a convicção de que o corpo tem uma intencionalidade dinâmica, que se dirige para as coisas e os homens com os quais com-partilha o mundo. O movimento humano oferece uma certa significação perceptiva, forma com os fenômenos exteriores um sistema tão intimamente relacionado que a percepção se compreende no deslocamento dos órgãos perceptivos, encontrados neles, não uma explicação expressa, mas pelo menos o motivo das transformações que acontecem na vida⁴⁰. Existe um

movimento intelectual do corpo, diferente do simples movimento no espaço, e que tange ao caminho e abertura para as coisas, para os outros. Não obstante, o movimento do corpo, para as coisas, assume um caráter específico e peculiar, na percepção do mundo, se for uma intencionalidade original e um modo de referir-se ao objeto, distinto do conhecimento.

O mundo está aí, como realidade pré-objetiva e pré-reflexiva e o nosso primeiro contato com ele é sentido e vivido, antes de ser conhecido. Retoma-se, dessa forma, a mundividência anterior à já necrosada cisão do ser, em duas autonomias, “em que uma (o sujeito) especula, ou produz especularmente a outra (o objeto). Na visão especular, a formalidade passou a ser do foro do sujeito especulativo ou ideal e a realidade natural do foro do evento insignificativo ou caótico”⁴¹. Vale a pena ponderar Maurice Merleau-Ponty, na sua declaração: “É necessário que o mundo esteja ao nosso lado, não como um sistema de objetos dos quais fazemos a síntese, mas como um conjunto aberto de coisas, para as quais nos projetamos”⁴². O nosso corpo, como ser dotado de movimento em direção ao mundo, “é condição de possibilidade”⁴³ inteiramente nova, original e poderosa até no próprio mundo da cultura (como limpidamente o atesta o caso da linguagem). O homem, espírito encarnado ou carne animada por um espírito, realiza-se e compreende-se na e desde a experiência. Mas não como um *ego cogito*, de rigor matematizante, diante de verdades eternas; antes, como a experiência de atos concretos, repetidos, temporais, já que “o ser-da-verdade não é distinto do ser-no-mundo”⁴⁴. Todo conhecimento da consciência encarnada é problemático e demonstrativo, mas projetado e dirigido ininterruptamente às coisas, ao mundo e nunca a um objeto utópico, sem espaço e sem tempo. Dado que temos consciência, esta vela e revela, como agulha magnética, algo para que se orienta e que, em linguagem fenomenológica, se denomina objeto intencional, pois toda a *noesis* está referenciada a um noema. “Se um ser é consciência, importa não seja mais do que um tecido de intenções”⁴⁵.

Remiramo-nos garbosos em muitas definições de consciência. Só que a consciência deve ser sempre um ato de significação, referente a alguma coisa. O *para-si* e o *em-si* relacionam-se por uma dialética de intercomunicabilidade, que encontra a sua possibilidade na própria existência. Daí que se possa conceber “a motricidade como intencionalidade original”⁴⁶. O homem, em si e a partir de si, está dotado de uma orientação e de uma capacidade de intercâmbio com o mundo e toda a sua motricidade é uma procura intencional do mundo que o rodeia... para realizar, para realizar-se!

O fato de o homem não ser uma existência cumprida, um projeto acabado e simultaneamente ser uma unidade portadora de sentido e um ente polarizado para fora, para o não-eu, permite à motricidade distinguir-se por uma nova consciência e não por uma inconsciência, por uma disponibilidade e não por uma exterioridade. Gilles Lipovetsky, em livro que traça cuidadosamente um quadro de problemas, hipóteses, interrogações sobre o tempo em que vivemos, escreve:

o corpo não designa mais uma abjeção ou uma máquina, designa antes a nossa identidade profunda, da qual não nos devemos envergonhar e que podemos mesmo exibir nas praias ou nos espetáculos, na sua verdade natural. Enquanto pessoa, o corpo ganha dignidade, há de ser respeitado, isto é, vigiado, visando o seu bom funcionamento; há de lutar-se contra a sua obsolescência, combater os sinais da sua degradação por uma reciclagem permanente cirúrgica, desportiva, dietética etc.: a decrepitude física tornou-se uma torpeza⁴⁷.

Uma crítica fria, seca, pertinaz desponta deste livro, ao nosso tempo, demasiado preocupado com os métodos e dando ao desprezo os objetivos. O próprio corpo ora ressurgue muitas vezes instrumentalizado ao serviço do *ter* e do *proder*, ora o estudam alguns especialistas de todo impérvios ao sol da cultura. No entanto, a valorização do corpo, em nível de elemento condicionado e condicionante, da totalidade e singularidade humanas, desenca-



deu o surgimento de uma cultura nova, em que não há possíveis onde o corpo não imponha significações.

Assiste-se atualmente, depois do esforço psicanalítico, a uma verdadeira invasão do culto do corpo visível sobretudo através das dezenas de métodos terapêuticos que florescem nos Estados Unidos. Pretende-se fazer falar o corpo, descobre-se a propósito de tudo e de nada um discurso do corpo, pretende-se que ele se liberte ou se exprima⁴⁸.

Tornar-se-ia indecifrável o pensamento, sem o corpo que o exprimisse e o originasse, porque o corpo, elemento da totalidade humana, é *conditio sine qua non* da própria condição humana. Maurice Merleau-Ponty não dá tréguas ao atavismo das teses intelectualistas e empiristas, porque se é verdade que a coisa se me oferece, como “uma transcendência aberta ao meu conhecimento”⁴⁹ a abertura realiza-se pelo fato de a intencionalidade operante se articular, originariamente, com o mundo denominado fundo ou horizonte. No tocante à compreensão da motricidade, que se confunde com a intencionalidade operante, esta, em Merleau-Ponty, mais do que movimento é um *status* ontológico, que permite uma correspondência súbita, pré-consciente às solicitações do mundo que a condiciona. A motricidade diz-nos que o mundo está dentro de nós, antes de qualquer tematização. Porque o homem é portador de sentido – daí a sua intencionalidade operante, ou motricidade. Mas não há aqui uma intenção definidora ou invocadora de apriorismos ou inatismos, porque o homem forma com o mundo um sistema: “O corpo-próprio está no mundo como coração no organismo, mantém continuamente em vida o espetáculo visível, anima-o e alimenta-o interiormente, forma com ele um sistema”⁵⁰. Um sistema, portanto, de reciprocidade e de sentido e de vida. Se o corpo “é uma unidade expressiva”⁵¹, o autor frisa que só o poderemos compreender como intencionalidade operante. Ao invés, se queremos entender o mundo, “será preciso despertar a experiência do mundo tal como ele nos aparece, enquanto somos-do-mundo e percebemos o mundo,

através do nosso corpo”⁵². E assim, se o “corpo está feito para explorar o mundo”, então a percepção desperta entre ele e o mundo uma “familiaridade primordial”⁵³.

Quem percorre miudamente a existência chega serenamente à conclusão que o homem se encontra referido a uma realidade que o antecede e da qual recebe inúmeras significações e possibilidades. Por conseqüência, Merleau-Ponty recusa, com freqüência, a interpretação kantiana que inaugura no *eu* uma consciência consagrante e informadora do mundo, passando ao lado, indiferente, do corpo e dos objetos. Com efeito, se almejamos descrever a realidade, tal qual ela se oferece ao acontecimento da percepção, “importa dizer que a minha experiência desemboca nas coisas e nelas se transcende”, bem ao jeito do existencialismo, na medida em que

“toda percepção de uma coisa, de uma forma, ou de uma grandeza [...], remete à pro-posição de um mundo e de um sistema de experiência, em que o meu corpo e os fenômenos se encontram rigorosamente vinculados”⁵⁴.

O verdadeiro *cogito* capta-se através da experiência do mundo.

São fundamentalmente os conceitos de intencionalidade operante e de mundo da vida que presidem à elaboração da Fenomenologia da Percepção. O primeiro, como característica fundamental do corpo-próprio, é objeto da parte inicial da referida obra; o segundo, como seu correlato intencional, orienta a descrição da segunda parte, dedicada ao mundo percebido⁵⁵.

É preciso decifrar, sem equívocos, a motricidade “como intencionalidade original”⁵⁶, como movimento centrífugo do próprio eu, pois que entre o *eu* e o *tu* se verifica reciprocidade e comunicabilidade. A existência humana revela-se infinitamente múltipla e mutante, num modo concreto de existir, a coexistencial! Assim, há que interpretar a motricidade como um corpo que

se propõe e se expõe a outros corpos, com os quais compõe o mundo interpessoal e comunitário. A motricidade, a intencionalidade operante é a evidência de uma dialética incessante corpo-outro, corpo-mundo, corpo-coisa, onde jorra e se atualiza o sentido. Nesse corpo-a-corpo, nesse permanente vai-e-vem, não só se remete para a impossibilidade de traçar, no mundo humano, uma fronteira entre a natureza e a cultura, como se assinala que a própria motricidade (característica do corpo-próprio) já está prenhe de significação e, mais do que ponte entre o implícito e o explícito, ela põe-se em ação e, como tal, é sentido.

O nous sommes condamnés au sens, da página XIV da *Phénoménologie de la perception*, torna-se visível através da motricidade. O corpo é “eminente espaço expressivo”, mas não nos podemos quedar por aqui, na via do acesso à sua compreensão, porque ele

não é somente um espaço expressivo, entre todos os outros [...]; ele é a origem de todos os outros, o movimento mesmo da expressão, o que projeta para fora as significações, dando-lhes um lugar, o que faz com que eles se ponham a existir como coisas, debaixo das nossas mãos, sob os nossos olhos²⁷.

Nesse caso, a motricidade, como intencionalidade operante (e continuamos onde Merleau-Ponty parece ter findado, roubado à vida por morte prematura), humaniza o corpo, dado que a evidência, sem margem para grandes dúvidas ao encarnar no corpo uma consciência. A motricidade, porém, situa-se ao nível de uma denúncia prática do logos, reivindica uma verdade que não é a verdade noética, pois toda a significação se reporta a um corpo e este, por seu turno, implica uma relação-criação entre o preexistente à reflexão e o refletido. É desse modo que a motricidade se estabelece como conhecimento, como fenomenologia específica. E que o corpo nada tem de definitivo, *ad aeternum*, porque também ele é devir que permanentemente se muda e se renova, na dialética permanente homem-mundo. O corpo é mesmo um eterno recomeço, onde o homem desaparece

a pensar para pensar no movimento da superação e do sonho.

Na filosofia de Merleau-Ponty, não há super-certezas, mas há, de certo, bases e pressupostos, mais ou menos declarados, que é possível declarar. Assim:

- Descobre-se, em Merleau-Ponty, uma crítica elucidativa contra todos os dualismos tradicionais: empirismo-intelectualismo, corpo-alma, homem-mundo.
- Ao mudo dogmatismo ambiente do corpo-objeto, Merleau-Ponty (no olhar, um ígneo fulgor) ocorre em defesa do corpo-sujeito, porque o corpo não se reduz a simples organismo, ele é uma rede de intencionalidades, um horizonte de possibilidades, a fonte da comunicação com o mundo.
- É pela percepção que se inaugura e se fundamenta o conhecimento. Mas é o corpo o sujeito da percepção, pois é através da nossa carne, dos nossos órgãos sensoriais que percebemos o mundo. O ato perceptivo nada tem a ver com uma consciência a-temporal ou externa à corporalidade. A consciência, em Merleau-Ponty, é uma consciência encarnada e, por isso, temporal. Por outro lado, a percepção realiza-se num mundo que forma uma unidade indissolúvel com a subjetividade. Não há distância entre um *eu* que percebe e o objeto da percepção, mas “quiasmo” (*chiasme*), ou seja, a relação eu-mundo reafirma uma unidade experiencial fenomenológica, num mundo humanizado com homens mundanizados.
- O problema da consciência é consignado em breves palavras, logo nas primeiras linhas de *La structure du comportement*: “O nosso objetivo é o de compreender as relações da natureza com a consciência” (p. 1). Ora, para esse autor, a consciência é intencional, porque o sujeito se vê forçado a perceber, a procurar novos horizontes que lhe abram perspectivas inéditas no mundo. Pode assim acrescentar-se que a consciência, o corpo e o mundo

não são três unidades existenciais, com possibilidades de relacionamento íntimo. São estruturas que só se compreendem quando relacionadas entre si.

• A espacialidade do corpo é de índole diferente da que se verifica entre os objetos. As relações que observamos entre um caderno e uma esferográfica não são do mesmo tipo das que se estabelecem entre a minha mão direita e a minha mão esquerda. Do esquema corporal resulta uma espacialidade de situação (*spatialité de situation*) e não uma espacialidade de posição (*spatialité de position*) específica dos objetos.

• Ninguém excedeu Merleau-Ponty na preocupação de realçar o papel gnoseológico do corpo. Há, no entanto, uma certa evolução do seu pensamento, a este respeito. O corpo que se estuda em *A estrutura do Comportamento* (*S. C.*) não é bem o mesmo que se analisa atentamente na *Fenomenologia da percepção* (*P. P.*) ou em *O visível e o invisível* (*V. I.*). Podemos caracterizar essa evolução em três palavras tão-só: comportamento-corpo-carne. Na *S. C.*, o corpo é observado sob o prisma da ciência e o comportamento à luz da psicologia gestaltista. O corpo surge, dessa forma, como um organismo autônomo e auto-suficiente, que não depende da racionalidade para afirmar-se. Na *P. P.*, o corpo investiga-se, de acordo com os parâmetros da fenomenologia. No *V. I.*, Merleau-Ponty comprazia-se em fundamentar ontologicamente o corpo através da noção de carne. “A carne é [...] um elemento do Ser” (*V. I.*, p. 184), ou seja, é objeto de estudo e simultaneamente corpo-sujeito, abarca a globalidade do ser.

• O corpo transforma-se num verdadeiro transcendental. A subjetividade constrói-se pelo corpo. O paciente, com lesões no esquema corporal (Schneider), fica impossibilitado de viver uma vida autenticamente humana; se por ela entendemos a realização de movimentos, não só con-

cretos (Zeigen), mas também abstratos (Greifen). Aliás, são estes últimos que dão sentido à existência e servem para simbolizar a realidade, não limitando as condutas motoras a meras repetições mecânicas. Nasce, com Merleau-Ponty, um novo sujeito gnoseológico, no qual a corporeidade predomina. A percepção, o esquema corporal, a carne etc. assim o comprovam.

Muitos foram os intelectuais que aproveitaram da prosperidade e da novidade do solo ubérrimo da mensagem de Merleau-Ponty. O corpo-sujeito jugulava energicamente todas as veleidades de manutenção dos vários dualismos e sintonizava-se com o amanhecendo paradigma da complexidade. Mas nem só os problemas epistemológicos e fenomenológicos, referentes ao corpo, fizeram ondear o seu prestígio, em todas as direções. A inteligência invulgar desse filósofo estanciou, por largas horas, na ciência política. *As aventuras da dialética*⁵⁸ mostram-nos um Merleau-Ponty pugnando, sem detença, contra o marxismo soviético, o capitalismo selvagem e abraçando uma esquerda não comunista, ou um novo socialismo onde afloram, nitidas, a liberdade e a justiça social (não esqueçamos que ele e Jean Hyppolite comungavam das idéias políticas de François Mitterrand). Desponta, aliás, de todos os seus escritos um humanismo fenomenológico e ontológico. Por isso, o corpo atravessa toda a sua obra. Porque é, pelo corpo, que o homem vê os seus limites e tece os discursos cromáticos dos seus desejos... “que o infinito lê e a solidão decora”, como diria o Torga.

NOTAS

1 - Heimsoeth, Heinz. *A filosofia no século XX*. Trad. Cabral Moncada. 5 ed. Coimbra, Arménio Amado Editora, 1982. p. 95-96.

2 - Morin, Edgar. *O problema epistemológico da COMPLEXIDADE*. Lisboa, Publicações Europa-América, s/d. p. 14.

- 3 - Idem, *ibidem*, p. 14-15.
- 4 - Idem, *ibidem*, p. 16.
- 5 - Gil, Fernando, *op. cit.*, p. 489.
- 6 - Rodrigues, Urbano Tavares. *M. Teixeira-Gomes – o discurso do desejo*. Lisboa, Edições 70, 1982. p. 56.
- 7 - Cfr. Hanna, Thomas. *La rebelion de los cuerpos*. Barcelona, Plaza & Janes, S.A., Editores, Esplugas de Llobregat, 1972.
- 8 - Maigre, A. e Drestrooper, J. *L'Education Psychomotrice*. Paris, PUF, 1975. p. 6.
- 9 - Sérgio, Manuel. *Ortega y Gasset; cem anos de vida, "Ludens"*. Lisboa, SEF/UTL, 1983. p. 6.
- 10 - Lima, Swio. *Ensaio sobre a essência do ensaio*. Coimbra, Sucessor, 1964. p. 48.
- 11 - Berger, Gaston. *Caractère et personnalité*. Paris, PUF, 1954. p. 7.
- 12 - Aron, Robert. *Discours contre la méthode*. Paris, Plon, 1974. p. 296.
- 13 - Merleau-Ponty, Maurice. *Sens et non-sens*, 4. ed. Paris, Nagel, 1948. p. 331.
- 14 - Merleau-Ponty, Maurice. *Phénoménologie de la Perception*. *ob. cit.*, p. 7.
- 15 - Idem, *ibidem*, p. 17.
- 16 - Idem, *ibidem*, p. 19.
- 17 - Idem, *ibidem*, p. 138.
- 18 - Merleau-Ponty, Maurice. *Les sciences de l'homme et la phénoménologie*. Paris, CDU, 1953. p. 58.
- 19 - Cantista, Maria José. *Racionalismo em crise*. Porto, 1984. p.8.
- 20 - Merleau-Ponty, Maurice. *Phénoménologie de la Perception*. *ob. cit.*, p.11.
- 21 - Idem, *ibidem*, p. 19.
- 22 - Idem, *ibidem*, p. 219.
- 23 - Idem, *ibidem*, p. 249.
- 24 - Merleau-Ponty, Maurice. Le primat de la perception et ses conséquences philosophiques. In: *Bulletin de la Société Française de Philosophie*. Paris, Octobre, 1947, p. 152.
- 25 - Cfr. Sertillanges, A-D. *As grandes teses da filosofia tomista* Trad. Ferreira da Silva. Braga, Livraria Cruz, 1951.
- 26 - Antunes, Manuel. *Grandes contemporâneos*. *ob. cit.*, p. 177-178.
- 27 - Merleau-Ponty, Maurice. *La structure du comportement*. 5. ed. Paris, PUF, 1963. p. 164-165.
- 28 - Idem, *ibidem*, p. 168-169.

- 29 - Idem, *ibidem*, p. 169.
- 30 - Idem, *ibidem*, p. 187.
- 31 - Merleau-Ponty, Maurice. *Signes*. *ob. cit.*, p. 211.
- 32 - Merleau-Ponty, Maurice. *Phénoménologie de la perception*. *ob. cit.*, p. 167.
- 33 - Merleau-Ponty, Maurice. *La structure du comportement*. *ob. cit.*, p. 217.
- 34 - Idem, *ibidem*, p. 219.
- 35 - Idem, *ibidem*, p. 218.
- 36 - Merleau-Ponty, Maurice. *Signes*. *ob. cit.*, p. 286-287.
- 37 - Merleau-Ponty, Maurice. *Phénoménologie de la perception*. *ob. cit.*, p. 215.
- 38 - Merleau-Ponty, Maurice. *La structure du comportement*. *ob. cit.*, p. 225.
- 39 - Merleau-Ponty, Maurice. *La structure du comportement*. *ob. cit.*, p. 223.
- 40 - Merleau-Ponty, Maurice. *Phénoménologie de la perception*. *ob. cit.*, p. 69-70.
- 41 - Cantista, Maria José. *Filosofia hoje; ecos no pensamento português*. Porto, Fundação Engenheiro Antão d'Almeida, 1993, p. 48.
- 42 - Merleau-Ponty, Maurice. *Phénoménologie de la perception*. *ob. cit.*, p. 396.
- 43 - Idem, *ibidem*, p. 71.
- 44 - Idem, *ibidem*, p. 404.
- 45 - Idem, *ibidem*, p. 138.
- 46 - idem, *ibidem*, p. 154.
- 47 - Lipovetsky, Gilles. *L'ère du vide; essais sur l'individualisme contemporain*. Les Essais. Paris, Gallimard, 1983. p. 68.
- 48 - Gil, José. *Metamorfoses do corpo; a regra do jogo*. Lisboa, Edições Lda., 1980. p. 7-8.
- 49 - Merleau-Ponty, Maurice. *La structure du comportement*. *ob. cit.*, p. 202.
- 50 - Merleau-Ponty, Maurice. *Phénoménologie de la perception*. *ob. cit.*, p. 222.
- 51 - Idem, *ibidem*, p. 222.
- 52 - Idem, *ibidem*, p. 222.
- 53 - Merleau-Ponty, Maurice. *La prose du monde*. Paris, Gallimard, 1969, p. 181.
- 54 - Merleau-Ponty, Maurice. *Phénoménologie de la perception*. *ob. cit.*, p. 317.
- 55 - Cantista, Maria José. *ob. cit.*, p. 24-25.
- 56 - Merleau-Ponty, Maurice. *Phénoménologie de la perception*. *ob. cit.*, p. 160.
- 57 - idem, *ibidem*, p. 171 .
- 58 - Merleau-Ponty, Maurice. *Les aventures de la dialectique*. Paris, Gallimard, 1955.

A ginástica laboral e a recreação nas empresas como espaços de intervenção da educação física no mundo do trabalho

Laborial gymnastics and the recreation in companies as places of intervention for physical education in the working world

Giuliano Gomes de Assis
Pimentel*

* Mestrando em educação física pela Unicamp

INTRODUÇÃO

Resumo: Este texto analisa a questão das atividades corporais de lazer direcionadas à recuperação diária da força de trabalho nas empresas e aponta o papel da Educação Física nessa prática.

Abstract: This text analyses the issue of the physical activities of leisure directed to the daily recovery of force of work in the companies and it aims the paper of the Physical Education in that practice.

Aumenta dentro das empresas a preocupação com a qualidade de vida do trabalhador. Sabe-se, mais do que nunca, o quanto é importante para os programas de qualidade total de uma empresa o bem-estar do funcionário e o estabelecimento de um ambiente de trabalho saudável. Afinal, trabalhadores descontentes e em níveis intoleráveis de tensão tendem a produzir menos e são mais susceptíveis às doenças ocupacionais. Como forma de sanar tais problemas, empresas vêm descobrindo o valor profilático e corretivo das atividades corporais de lazer durante ou após o trabalho.

O presente texto visa a aprofundar algumas reflexões a respeito desses programas de lazer/atividade física direcionados à recuperação diária da força de trabalho nas empresas. Para tanto, levando em conta os interesses de classes, analisa-se o percurso histórico da relação trabalho/lazer, as implicações da implantação de programas recreativos e ginásticos para o trabalhador, o modo de sua ocorrência no Brasil, e as possibilidades e limites de intervenção da Educação Física no mundo do trabalho.

CONTRADIÇÕES DO TRABALHO

*Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo por tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima*

(Construção, Chico Buarque)



Com a sociedade de classes, a distinção entre tempo livre e tempo de trabalho vai se esboçando mais nitidamente. Esta distinção é reforçada com o modo de vida peculiar à sociedade capitalista, sendo que com a industrialização e o processo de urbanização subsequentes, a partir do século XVIII, um segmento da sociedade, o dos trabalhadores das fábricas, praticamente não vive outro tempo senão o da obrigação para com o trabalho, além daquele dedicado ao sono e ao atendimento das necessidades físicas.

A jornada diária nas fábricas inglesas excede, em muitos casos, quinze horas. Somente em 1848 é regulamentada, na Inglaterra, a jornada de dez horas diárias de trabalho. Não obstante a reivindicação dos trabalhadores fosse pelo limite da jornada diária em oito horas, aquela regulamentação constitui-se numa conquista após uma luta de cerca de trinta anos. Os trabalhadores baseavam sua reivindicação na defesa de um tempo livre para a satisfação de necessidades espirituais e sociais.

Também a regulamentação de jornada de trabalho no Brasil ocorreu em um contexto semelhante. Já no início deste século são freqüentes as lutas operárias pela jornada de oito horas, pelas férias e repouso semanal remunerado. No entanto um forte viés moralista, disfarçando os interesses capitalistas da época, atuava no sentido de obstar tais reivindicações. Além disso, conforme analisa Moura (apud MARCELLINO; 1987: 105-106) a constituição do operariado urbano na cidade de São Paulo, no período da produção incipiente, compreendendo os fins do século XIX e as duas primeiras décadas deste século, confrontava-se ainda com a ne-

cessidade de toda a família trabalhar para poder garantir a sobrevivência:

Na busca dos meios necessários para sua sobrevivência, a família operária, tal como ocorre hoje, tinha de empregar todos os seus elementos capazes. Como não existissem serviços públicos para o atendimento às crianças que não pudessem trabalhar, essas ficavam em suas casas ou nas ruas. E o discurso moralista da época alertava para os perigos da ociosidade e da criminalidade infanto-juvenil. Em 1912, o Departamento Estadual do Trabalho afirmava que os menores eram aceitos em fábricas, por empenho de seus pais, como meio de evitar os perigos de rua e da vagabundagem.

Conforme Vianna (1976), com o surgimento das primeiras greves operárias, defendendo a redução da jornada de trabalho, inicia-se um movimento de conscientização para que estes pudessem ter tempo para participar das atividades educacionais, culturais e recreativas. Porém a classe burguesa argumentava contra o tempo livre dos trabalhadores pois ele fomentaria valores morais negativos, como se vê neste trecho do documento da FIESP, em posicionamento desfavorável à lei das férias:

[...] os lazeres, os ócios, representam um perigo iminente para o homem habituado no trabalho, e nos lazeres ele encontra seduções extremamente perigosas, se não tiver suficiente elevação moral para dominar os instintos subalternos que dormem em todo ser humano ... (VIANNA 1976:79).

Foi principalmente através da continuidade da luta dos operários e da mobilização popular, a partir de 1910, exigindo do governo políticas públicas, que o direito a ter direitos trabalhistas e amparo governamental às questões básicas de educação, saúde e saneamento se iniciam no país. É importante ressaltar que tais conquistas só foram contempladas pelas políticas estatais devido à pressão da população e ao ideário de processo civilizatório do século





XX (COSTA, 1989)¹.

Se, naquele período, acreditava-se na força do trabalho para a felicidade do homem, ou que a máquina iria libertá-lo do labor monótono, hoje, pelo contrário, aumenta a preocupação com as condições de trabalho estressantes, insalubres e sem segurança. O quadro encontrado pelo SESI-BA (1995: p. 32) pode ilustrar o perfil encontrado ao avaliar-se a saúde do profissional que atua em empresas:

A maioria sofre de stress, acorda cansada, alimenta-se mal, mantém estilo de vida sedentário, sofre de pressão alta e queixa-se de cansaço fácil, dor lombar, azia/dor de estômago e dor de cabeça freqüente, está desmotivada e com baixa estima².

Este quadro se mostra mais desanimador quando são computadas ainda as patologias laborais (como a L.E.R.) e os acidentes de trabalho³.

Vale colocar que cresce a intensificação e aceleração das tarefas produtivas, pondo o trabalhador em estado de sobrecarga constante. Harvey (1989) alerta para o fato de que essa intensificação e aceleração ainda maiores das tarefas, visando a recuperar os gastos do capital com as compensações do tipo férias, salários altos e aposentadoria antecipada, acabam por tornar o trabalho cada vez mais fatigante e alienador:

Os telefonistas da AT&T assinam um contrato segundo o qual devem atender um telefonema a cada 28 segundos, os motoristas de caminhão se impõem extremos de resistência e quase morrem tomando pílulas para permanecer acordados, os controladores de voo passam por extremos de tensão, os operários da linha de produção usam drogas e álcool, e isso faz parte de um ritmo diário de trabalho fixado pela obtenção de lucros, e não pela elaboração de escalas de trabalho humanas (HARVEY, 1989: 211).

Embora nem todas as profissões imponham essa consterna-



ção, vale frisar que "até o momento, a realidade para 70% dos empregados é a de um trabalho penoso" (DAMINELLI, 1995: 154). Diante da compressão espaço-tempo a que têm sido submetidos, tanto chefes e diretores quanto empregados vêm solicitando lazer no ambiente de trabalho ou logo após a ele como "forma de alívio de diminuição do stress" (PAGA, 1995: 17). Para tanto, vêm aumentando o "oferecimento" de programas de atividades visando "o entretenimento, a recuperação do desgaste físico e mental, prevenindo o stress e melhorando a qualidade de vida" (SESI-BA, 1995: 32). No Brasil, a ginástica laboral compensatória e a recreação têm sido tomados como eficazes remédios para combater o stress, espécie de jargão que tem explicado, no que diz respeito à aparência, os sintomas das doenças laborais sem explicitar suas causas.

O CAPITAL E O CORPORAL: A GINÁSTICA NAS EMPRESAS

*E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E se acabou no chão feito um pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público*
(Construção, Chico Buarque)

Diversos são os perigos que cercam o operário em seu local de trabalho. Um levantamento minucioso feito pelo Departamento Intersindical de Estudos e Pesquisas de Saúde e dos Ambientes de Trabalho (Diesat) aponta um elevado índice de mortalidade entre a população trabalhadora brasileira. Parte se atribui ao desgaste mecânico, às degenerações orgânicas associadas à doenças ocupacionais e ao contato com substâncias tóxicas de todos os tipos. Quanto a este último, são diversos os casos de intoxicação por benzeno (causando leucopenia e benzenismo), chumbo (impotência sexual), dissulfeto de carbono (arteriosclerose, degeneração do fígado e depressão do sistema nervoso central), mercúrio (ataca o sistema nervoso central, debilita os rins) entre outras 5.000

substâncias anualmente introduzidas no sistema industrial (TRAGTENBERG; 1989: 70).

Em diversas ocupações, as operações repetitivas, além de provocarem lesão por esforço repetitivo (L.E.R.), causam uma reação fisiológica de saturação neuro-sensorial conhecida por fadiga (síndrome subjetiva comum de fadiga nervosa, fadiga muscular localizada) que, por sua vez, contribui para a diminuição dos níveis de concentração e reflexo da pessoa. Decorrente disso, aumenta a probabilidade de ocorrer um acidente de trabalho. A posição corporal incorreta e muitas vezes estática também é causadora de fadiga e de diversas complicações para a postura (lombalgias e desvios posturais, por exemplo). Esses fatores concorrem para prejuízos às empresas, devido aos afastamentos por licença médica e baixas na capacidade de produção/produktividade (PIMENTEL, 1994: 176).

Visando a combater e, principalmente, atenuar as consequências decorrentes de aspectos ecológico/ergonômicos inadequados ao ambiente de trabalho, diversas indústrias, escritórios, empresas de telecomunicações e transportes, entre outras, estão investindo na adequação dos ambientes de trabalho ou implantando programas de ginástica laboral corretiva para seus funcionários mais expostos a acidentes de trabalho e enfermidades. Tal solução, como professam Astrand e Rodahl (1987: 422),

consiste em incluir alguma atividade física no trabalho diário, a fim de proporcionar a oportunidade para uso diversificado do sistema locomotor e para selecionar uma relação apropriada entre o trabalho e o repouso, para permitir uma boa recuperação durante o trabalho.

São bastante ilustrativas as ações que diversas empresas empreendem nesse sentido. O Banco do Estado de São Paulo (Banespa), por exemplo, concorda que "o lazer é um importante meio, tanto para preservar condições de saúde, como para desenvolver recursos humanos de maneira informal." Neste sentido, tem atuado com programas de *fitness* e já notado que "as práticas fisi-

cas, estimuladas pelo programa de ginástica consciente" têm, segundo relatos de funcionários, eliminado tensões provocadas pelo trabalho (CANONICO; 1995: 181). Outro caso interessante é o Projeto Despertar, no qual pequenos grupos, com orientação de um professor, fazem exercícios de alongamento (10 a 15 minutos) antes de iniciar o expediente na Companhia Paulista de Força e Luz (CPFL) ou no seu encerramento (RIBEIRO; 1995: 172).

Por fim, vale destacar o Programa Ginástica na Empresa (PGE), do Serviço Social da Indústria (SESI). A ginástica na empresa vem a ser "a prática voluntária de atividades físicas realizadas pelos trabalhadores coletivamente, dentro do próprio local de trabalho, durante sua jornada de trabalho" (SESI-DN; 1996: s/p). Geralmente esse tipo de atividade é executada diariamente entre 8 e 12 minutos, em queos trabalhadores, com as próprias vestimentas do trabalho, executam, em pé, uma série de movimentos repassados por colegas de setor (monitores treinados).

O PGE segue um procedimento padrão, começando pela investigação do ambiente de trabalho, a fim de detectar o *modus operandi* do mesmo, ou seja, a postura, a mecânica dos movimentos mais executados, os grupos musculares solicitados, os horários críticos em acidentes e queda de produtividade e as condições ambientais (temperatura, poluição do ar, sonora, visual). A partir desse levantamento de informações, feito por uma equipe multidisciplinar, tem-se a situação de cada setor produtivo. São montadas séries de exercícios, tendo em conta as necessidades específicas dos setores, podendo ser executadas no início do expediente, quando o objetivo é despertar o trabalhador para a jornada, ou durante o trabalho, no período crítico, com vistas a recuperar as condições orgânicas do operariado.

Entre os ganhos relacionados por esse tipo de intervenção estão a integração dos funcionários, reflexos na capacidade de produção/produktividade e a diminuição dos acidentes de trabalho, com a prevenção de doenças profissionais (SESI-DN; 1996: s/p). Após seis meses de trabalho, alguns programas relatam obter



diminuição das faltas por atestado médico (em especial no tocante às lombalgias) e decréscimo no consumo de drogas (álcool e fumo, principalmente). Os resultados em termos quantitativos variam entre empresas e, geralmente, estas não divulgam os resultados dos programas de exercícios compensatórios. Há, porém, alguns trabalhos que possuem tais dados e dão conta de confirmar a eficácia do programa. Mensurados os benefícios do exercício na empresa, vê-se que a aplicação da ginástica laboral compensatória

diminuiu significativamente o índice de fadiga periférica do grupo experimental em comparação com o grupo de controle. Por outro lado, a produtividade do grupo experimental foi superior a 21,8% do que a produtividade do grupo de controle..." (KOLLING, 1990: 134).

DO ÓCIO PERIGOSO AO LAZER ÚTIL:

OS PROGRAMAS DE LAZER PARA O TRABALHADOR

Se antes a diversão e o lazer eram encarados pelos empresários como perigos ao trabalhador, atualmente as corporações de vanguarda têm propagado uma série de benefícios sociais, visando a maior produtividade dos seus top funcionários, entre os quais se incluem viagens turísticas, academias de ginástica, clubes e aulas de esportes. Para os trabalhadores da linha de produção, além dos exercícios compensatórios, há também o oferecimento de diversas opções de lazer dentro de seus grêmios recreativos ou via contratos com companhias e profissionais do entretenimento (especialmente do Turismo e da Educação Física).

Tais clubes, pelo entendimento de Camargo (1998: 97), foram criados no intento de fornecer alguma ludicidade ao labor, ou seja, "humanizar o ambiente do trabalho, melhorar o índice de satisfação e de integração dos funcionários e, com isso, restabelecer a produtividade desejada". Em decorrência do processo de reengenharia nas indústrias e serviços, cada vez mais essas associações de funcionários diminuem o voluntariado e amadorismo em seu interior para dar vez ao profissionalismo de agentes culturais

especializados. Atuando principalmente durante o intervalo do almoço e os finais de semana ou férias, os animadores redimensionam o lazer do trabalhador, oferecendo-lhe uma "vivência cultural diferenciada".

Na interpretação de Cavallari e Zacharias (1994: 42), a recreação "cria no funcionário uma empatia com seu local de produção, e ele vai se sentir muito melhor quando lá estiver." Para os autores, os programas recreativos trazem diversos benefícios, além do bem-estar do funcionário, como o fato de que

a família passa a respeitar mais a empresa e o trabalhador terá oportunidade de se orgulhar do que faz". Ademais, "a recreação equilibra diferenças, pois, diretores, gerentes e operários jogam basquete no mesmo time e nenhum deles tem superioridade hierárquica naquele momento (CAVALLARI e ZACHARIAS; 1994: 43).

Pacheco (1992) vê com reservas esses "benefícios" advindos do lazer na empresa. Para ele, a empresa acaba por controlar o funcionário até no tempo em que este "não lhe deve 'obediência'". O trabalhador tem restrito seu lazer àquilo que está dentro do "pacote" em vez de poder ser um dos elaboradores da política de lazer que o patronato lhe oferece. Com esse tipo de lazer útil, de caráter funcionalista, ganha a empresa que não só fixa uma boa imagem institucional perante a sociedade como também direciona para seus interesses o uso do tempo de não-trabalho vivenciado pelo empregado. Desta forma o lazer "continuará sendo visto como um favor, como uma dádiva oferecida pelas 'boas' empresas, como um atenuador dos conflitos de classe e não como um direito social" (PACHECO; 1992: 252).

Vale, contudo, colocar a limitação que Marcolino et. al. (1992) fazem a esse tipo de análise, "embora sem desconhecer o fato de que o lazer pode prestar-se à função de controle social". No entendimento dos autores, não se pode generalizar a todas as formas de lazer uma força coercitiva uma vez que "acreditar-se tão somente na capacidade reprodutiva da ideologia dominante



através dos mecanismos de lazer denota a inexistência de uma perspectiva dialética e conduz" à transposição mecânica de teorias reprodutivistas ao campo do lazer (MARCOLINO et. al.; 1992: 299).

Obviamente, há de se separar a mera justaposição de metanarrativas à realidade da constatação de uso pragmático e ideológico do lazer como forma de compensar as desigualdades, mascarar a realidade e recuperar a força de trabalho, conforme aponta Marcellino (1987: 35) ao caracterizar as funções das abordagens funcionalistas do lazer. Segundo Daminieli (1995: 157):

as empresas que mantêm programas de lazer e de cultura para seus empregados, ou têm objetivos de marketing interno, ou os realizam como compensação ao estresse trazido pelas tarefas cotidianas, ou têm objetivos de marketing junto à comunidade.

Em acréscimo, o trabalho de Inácio (1998) não deixa dúvidas de que as empresas têm, tradicionalmente, o interesse de utilizar o lazer como forma de controlar o tempo disponível do trabalhador para recuperar suas capacidades psicológicas e físicas. O autor reitera outros quatro aspectos pelos quais as empresas vêm investindo no lazer do trabalhador:

- 1) a busca de indicadores de qualidade de vida no trabalho;
- 2) o envolvimento do trabalhador;
- 3) a inculcação de um espírito de equipe, no trabalhador, necessário à produção flexível e,
- 4) o desenvolvimento de habilidades, inculcação de valores e de comportamentos através das técnicas desenvolvidas no mundo do lazer com sua transferência para o mundo do trabalho (INÁCIO; 1998: 130).

CONCLUSÃO

Entendendo que os programas de lazer para o trabalhador vêm gerando situações de passividade com o consumo alienado de um tempo livre infeliz, é importante apontar para possibilidades de envolver os trabalhadores na produção e controle das poli-

ticas de lazer, em vez de estes aceitarem a imposição de programas destituídos de caráter criador. Esta análise encaminha para a ideia de cidadania cultural, categoria criada por Marilena Chauí (1989:54) para tratar do direito que deve ser garantido às pessoas de participar nas decisões relativas à política cultural, intervindo "na definição de diretrizes culturais que garantam tanto o acesso quanto a produção de cultura pelos cidadãos".

Quanto à questão da ginástica na empresa, embora eficiente para o controle (material e simbólico) e recuperação da força de trabalho, tal atividade não é um mecanismo de mão única, pois ao mesmo tempo em que exerce coerção sobre o trabalhador, a ginástica propicia um momento de interação motriz entre sujeitos históricos e sociais, que não são meros objetos de manipulação na qual a *mais valia* é o único efeito obtido. O contato corporal entre as pessoas, a pausa para o descanso ativo em meio ao ritmo da máquina e a ruptura com o tempo de produção traduzidos no momento da ginástica têm efeitos sociais renovadores, os quais podem confrontar-se com a alienação produzida no trabalho repetitivo.

Em complemento, se a presença de profissionais de Educação Física em substituição aos monitores (leigos) treinados (adestrados) para ministrar (reproduzir) os exercícios se justifica pela competência técnica, ela também revela-se importante devido ao imperativo compromisso de acrescentar à primeira a competência política pela qual se processa a razão comunicativa libertadora, ou seja, o aproveitamento dessas situações para formar uma consciência corporal engajada com o real bem-estar do trabalhador.

Esse engajamento é necessário porque, embora se queira colaborar para a melhoria da condição do trabalhador, a intervenção específica da Educação Física pouco ou nada interfere para a mudança da condição de trabalho. Para que os efeitos psicofisiológicos dos exercícios laborais possam surtir efeito contínuo, é necessário que ocorra modificação nos níveis interno e externo. A primeira, no tocante à ergonomia, fazendo com que



tudo seja construído em função das necessidades humanas. Em vez de obrigar o homem a ter de adaptar-se à máquina, que ela seja dimensionada aos padrões antropométricos dos trabalhadores do país. Quanto à segunda mudança, estrutural, deve-se infringir limites ao sistema de exploração da mão-de-obra do trabalhador, situada, historicamente neste país, no limiar da barbárie.

O importante, então, é que o profissional de Educação Física se dê conta da mutilação lenta e gradual imposta ao ser humano em condições de trabalho impróprias à natureza humana. Neste sentido, está feito o convite para se pensar em uma ginástica laboral e uma recreação nas quais se complementem a necessidade imperiosa do ser humano por ludicidade e interação motriz em todas as esferas de sua vida. Destarte esta ginástica e esta recreação se viabilizarem a partir da utopia renovada de uma nova sociedade, vale lembrar que a intervenção da Educação Física no universo do trabalho não ocorre em condições ideais na atualidade. Mas se cabe a todo profissional a intervenção crítica, ciente e aplicada dentro de sua especialidade, então é necessário que ele se veja como agente transformador da realidade em que se insere.

NOTAS

1. Interessante notar que as conquistas obtidas por um empenho histórico da sociedade venham na atualidade sofrer retrocesso devido ao projeto neoliberal globalizado.
2. Conforme comunicação, através de pesquisa realizada pela mesma instituição, envolvendo 90.600 profissionais de empresas, constatou-se que 50% sofrem de estresse severo, 49% acordam cansados, 84% alimentam-se mal, 85% são sedentários e 20% têm pressão alta.
3. Segundo a Delegacia de Acidentes de Trabalho (Deleat), em 1987 ocorreram 111.320 acidentes de trabalho somente no Estado do Rio de Janeiro. Sendo 1.137.124 no Brasil, falecendo 530 trabalhadores em função destes acidentes. Contabilizando 1989, 1990 e 1991, ocorreram 2.222.000 acidentes de trabalho. Embora pareça haver uma diminuição dos acidentes de trabalho, a Deleat atestou



que algumas empresas mantêm os funcionários acidentados em atividades burocráticas para não lhes pagar os quinze primeiros dias de licença, conforme a Lei 6367/76 estabelece. Naturalmente, não é interessante para qualquer empresa manter um quadro permanente de empregados com problemas de saúde ou chegar a ponto de substituí-lo. Conforme matéria "Tratar vício custa menos do que demitir", Caderno Empregos, do jornal *Folha de São Paulo*, de 6 de novembro de 1994, "as empresas estão constatando que tratar um funcionário dependente – principalmente se for qualificado – custa menos que demiti-lo." De fato como mostra o exemplo da Reduc (Refinaria Duque de Caxias), da Petrobrás, o custo, por exemplo, "do tratamento de um operador com dez anos de casa é de cerca de R\$ 2.700,00. Sua demissão fica em quase R\$ 4.000,00." Preocupada com o problema de funcionários que utilizavam drogas, em função do estresse diário, "a refinaria criou seu programa de dependência química em 86 e, desde então, constatou queda do número de faltas e de acidentes de trabalho e maior produtividade."

4. A revista *Exame*, de junho de 1994, mostra uma série de empresas que investem na qualidade de vida de seus funcionários, entre as quais IBM, DuPont, Xerox e Johnson & Johnson. Entre outros benefícios, elas oferecem sala de ginástica, ginástica, área para recreação, plano de saúde, cardápios para dietas, ergonomia, horários flexíveis, massagem terapêutica, cobertura para Aids, câncer e dependência química. O objetivo dessas empresas, como mostra a reportagem, é atrair os melhores funcionários e mantê-los motivados e fiéis às mesmas. A matéria encerra afirmando: "o funcionário feliz é mais produtivo que o funcionário infeliz" (p. 95).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASTRAND, P.; RODAHL, K. *Tratado de fisiologia do exercício*. 2. ed. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.
- CAMARGO, L. O. de L. *Educação para o lazer*. São Paulo, Moderna, 1998.
- CANONICO, D. O lazer no BANESPA. In: MARCELLINO, N. C. (org.). *Lazer: formação e informação profissional*. Campinas, Papirus, 1995. p. 175-182.
- CAVALLARI, V. R.; ZACHARIAS, V. *Trabalhando com recreação*. 2. ed. São Paulo, Ícone, 1994.



- CHAUÍ, M. Cultuar ou cultivar. In: *Teoria & Debate*, São Paulo, (8), out./dez. de 1989. p. 50-56.
- COSTA, N. do R. Transição e movimentos sociais: contribuição ao debate da reforma sanitária. In: COSTA, N. do R. et. al. *Demandas populares, políticas públicas e saúde*. Petrópolis, Vozes, 1989. p. 45-65.
- DAMINELLI, M. Reflexões sobre cultura e lazer na empresa. In: MARCELLINO, N. C. (org.). *Lazer: formação e informação profissional*. Campinas, Papirus, 1995. p. 149-159.
- HARVEY, D. *A condição pós-moderna*. São Paulo, Loyola, 1989.
- INÁCIO, H. L. de D. O lazer do trabalhador no contexto de transformações tecnológicas. In: *Licere*. Belo Horizonte, (1), n. 1, 1998. p. 130.
- KOLLING, A. Ginástica laboral compensatória. In: SEED. *Esporte e lazer na empresa*. Brasília, MEC/SEED, 1990. p. 132-134.
- MARCELLINO, N. C. *Lazer e educação*. Campinas, Papirus, 1987.
- MARCOLINO, L. C.; RAMALHO, C. M.; MADSEN, J. E. H. et. al. A questão social do lazer e esporte na empresa. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Ijuí-RS, (12), n. 1, 2, 3, 1992. p. 297-303.
- PACHECO, R. T. B. O lazer nas empresas: onde está o trabalhador? In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Ijuí-RS, (12), n. 1, 2, 3, 1992. p. 249-256.
- PAGA, W. Integração empregado-empresa, um grande empreendimento empresarial. Encontro Nacional de Recreação e Lazer, 7. Recife, nov. de 1995. *Anais*.
- PIMENTEL, G. G. de A. Metodologia da ginástica laboral compensatória. Simpósio Internacional de Ciências do Esporte, 19. São Paulo, out. de 1994. *Anais*.
- RIBEIRO, V. dos R. A CPFL e o lazer. In: MARCELLINO, N. C. (org.). *Lazer: formação e informação profissional*. Campinas, Papirus, 1995. p. 169-174.
- SESI-BA. Lazer: uma proposta de qualidade de vida nas empresas. Encontro Nacional de Recreação e Lazer, 7. Recife, nov. de 1995. *Anais*. p. 32.
- SESI-DN. *Ginástica na empresa - subsídios técnicos para implantação*. Brasília, SESI-DN, 1996.
- VIANNA, L. W. *Liberalismo e sindicato no Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.
- TRAGTENBERG, M. A vida por salário. In: *Teoria & Debate*, (8), out./dez. de 1989.

A formação profissional na Fefisa: uma proposta de alteração

The professional formation in Fefisa: a proposal for alteration

José Carlos de Freitas
Batista*

* Professor da Fefisa

Resumo: Este estudo teve como objetivo analisar os programas de ensino do curso de Educação Física da Fefisa e ao mesmo tempo criar um modelo de análise que servisse de referencial para outras instituições.

Abstract: this study has as objective the analysis of the curricular programmes of physical education in Fefisa and propose a model of analysis as future reference for other institutions teaching.

Em 1997 a Faculdade de Educação Física de Santo André (FEFISA) se ressentia da falta de um planejamento adequado e de um sistema de administração mais eficiente e atualizado. A busca de respostas para tais problemas inspirou este estudo que teve como objetivo analisar os programas de ensino do curso da Fefisa, no sentido de reformular o projeto pedagógico dessa instituição, possibilitando a discussão do oferecimento ou não da habilitação também no bacharelado, e ainda a criação de um modelo de análise para a verificação de programas, o qual poderá servir de referencial para outras instituições.

INTRODUÇÃO

Atualmente a comunidade da educação física brasileira – formada por docentes, pesquisadores e outros profissionais que compõem o quadro das universidades públicas e, em menor grau, das particulares – tem apresentado uma preocupação no tocante à formação profissional, o que se relaciona com o desenvolvimento do exercício da profissão.

O interesse pelos diversos aspectos que compõem o universo da formação profissional em educação física pode ser notado nas publicações fre-

qüentes de autores como Oliveira (1988), Tani (1988) e Costa (1988), que desenvolvem estudos sobre a estrutura curricular dos cursos de graduação e dos seus diferentes componentes, como carga horária e estágios, e principalmente sobre as disciplinas, seus programas e conteúdos.

É possível considerar que as inquietações percebidas com relação à área da educação física têm acompanhado a tendência atual da sociedade pela busca de melhor qualidade de ensino. Quem atua na formação profissional do professor de educação física deve estar atento a esse fato, pois a demanda define e justifica grande parte dessa formação.

Tão importante quanto saber quais são as necessidades da população e dos profissionais da educação física, é saber qual é a formação oferecida pelos cursos existentes no país. Esses dois aspectos – a demanda e a formação oferecida – influenciam o mercado de trabalho e, ao mesmo tempo, são influenciados por ele.

O presente trabalho visa a contribuir para o esclarecimento do segundo aspecto central de formação do profissional em educação física: os cursos oferecidos.

Assim, foram desenvolvidos o levantamento e a análise da produção existentes na educação física brasileira, fatores relacionados à formação profissional. Constatou-se que por várias vertentes tem-se buscado explicar qual o melhor caminho para a qualificação da formação, objetivando o reconhecimento profissional almejado, a delimitação do campo de atuação, e a definição do objeto de estudo da área.

Feito esse levantamento, compararam-se os resultados obtidos por meio de uma análise documental, realizada sobre a grade curricular do curso da Fefisa, com o referencial formativo estabelecido pelas leituras das obras daqueles que pesquisaram essa relação entre formação e mercado profissional na tentativa de possibilitar que se chegasse ao objetivo deste estudo.

METODOLOGIA

A técnica empregada para a coleta de dados foi a pesquisa

bibliográfica e a análise documental, de acordo com Gil (1991). Procedeu-se o levantamento e a análise do material bibliográfico sobre bacharelado e licenciatura, segundo a visão de vários autores: Moreira (1988, 1992, 1995); Tojal (1991, 1995); Oliveira (1988, 1991); Tani (1996); Costa (1988); Faria Jr. (1987, 1991, 1992); Kolyniak (1996, 1997); Pellegrini (1988); Oro (1995); Vieira e Cunha (1996); Ghiraldelli (1992); Castellani (1988); Medina (1985); Carmo (1988); Barros (1994); Daólio (1995).

Foi ainda desenvolvida a análise documental dos programas de todas as disciplinas da grade curricular do ano de 1997, utilizando-se um modelo sistemático de análise criado para esse propósito, além da análise do regimento interno em vigor, com o objetivo de possibilitar o levantamento da condição da formação profissional oferecida pela Fefisa, para compará-la com o referencial teórico estabelecido.

As considerações finais e a possível proposta de reformulação do curso dessa instituição, com a implantação do curso de bacharelado em educação física (resolução nº 03/87), constituem o resultado deste estudo.

Descrição

A análise dos programas teve início a partir do departamento de Humanas, e buscou verificar qual a intenção das ementas, quais os objetivos que se pretende atingir com a disciplina, e de que forma isso deverá ocorrer. Assim, é preciso trabalhar e entender os conteúdos e as estratégias que serão utilizados para desenvolvê-los, e ainda buscar verificar se a metodologia utilizada condiz com o desenvolvimento dos conteúdos propostos e com o sistema de avaliação de rendimento, o que nos levará a concluir se o programa vem atingindo os objetivos propostos pela disciplina, atendendo às necessidades de obtenção de respostas para a consecução dos objetivos do curso como um todo.

Importante ainda é verificar como os programas das disciplinas procuram ajudar na formação profissional oferecida, através da indicação e utilização de bibliografias que possibilitem chegar



ao referencial necessário que sustenta o perfil profissional proposto.

O curso de licenciatura da Fefisa, segundo seu regimento, tem por objetivo capacitar o futuro profissional para atuar junto ao segmento escolar, tornando-o apto a planejar, implantar, executar e avaliar programas de educação física. Dessa forma, a fim de melhor identificar como é desenvolvido o programa de formação profissional dessa instituição, passamos a verificar a composição da grade curricular e a participação de cada departamento, como pode ser observado nos quadros I, II e III dos departamentos:

Quadro I - Departamento de Humanas

Aprendizagem e desenvolvimento	68h
Didática geral	68h
Didática aplicada	68h
Estrutura de ensino de 1º e 2º graus	68h
Metodologia da pesquisa científica	68h
Organização e administração da E.F.	68h
Psicologia da educação	68h
Psicologia aplicada	68h
Filosofia da educação	68h
Prática de ensino I	60h
Prática de ensino II	60h
História da educação	68h
Sociologia aplicada	68h
Português (extracurricular)	68h
Total	936h

Quadro II - Departamento de Biológicas

Anatomia	68h
Cinesiologia	68h
Higiene	34h
Biometria	34h
Socorros de urgência	34h
Fisioterapia	34h
Fisiologia geral	68h
Fisiologia do exercício	68h
Nutrição	68h
Biologia	68h
Total	544h

Quadro III - Departamento Gimnico-Desportivo

Atletismo I	68h	Handebol	68h
Atletismo II	68h	Ginástica rítmica	68h
Treinamento Desportivo	68h	Natação	68h
Condicionamento físico	68h	Recreação	68h
Ginástica I	68h	Artes Marciais	68h
Ginástica II	68h	Dança em Educação Física	68h
Ginástica III	68h	Educação Física Adaptada	68h
Ginástica Olímpica	68h	Trampolim Acrobático (extracurricular)	68h
Basquetebol	68h	Futebol (extracurricular)	68h
Voleibol	68h	Educação Física Infantil	68h
Total			1360h

Para este estudo foi utilizado um modelo sistemático de análise, como apresentamos a seguir, elaborado a partir da verificação dos itens que compõem um programa, baseado na composição utilizada pelos docentes da Instituição:

Identificação das ementas componentes das disciplinas

Ementa	Relação com a educação	Relacionados à filosofia do curso	Preparar para o campo de trabalho	Relação com a educação física	Outros	Total
Disciplinas						
Todas as disciplinas do departamento						
Total						
%						

Batista, 1998.

O item Outros significa alguma descrição feita pelo docente e não se relaciona com os itens utilizados para a análise, porém é relevante para o estudo proposto.

Foi utilizado o mesmo modelo para a identificação de outros aspectos. A coluna de disciplinas e seus itens – todas as disciplinas, total e % – foram mantidos, mudavam o cabeçalho de cada coluna de acordo com o dado pretendido. Assim, na identificação dos objetivos das disciplinas, as colunas tinham o seguintes títulos:

- Preparar para a educação
- Buscam analisar e promover o senso crítico
- Construção do saber
- Desenvolver programas
- Construção de atitudes e valores
- Outros
- Total

Na identificação dos conteúdos componentes das disciplinas:

- Específico da disciplina
- Específico da educação
- Geral da educação
- Geral da educação física
- Específico da educação física
- Total

Na identificação dos componentes dos procedimentos metodológicos (estratégias):

- Aulas teóricas
- Aulas práticas
- Seminários
- Recursos materiais e audiovisuais
- Visitas/palestras
- Outros (trabalhos, pesquisas, leituras)
- Total

Na identificação dos critérios de avaliação das disciplinas:

- Prova escrita
- Prova oral
- Prova prática
- Estágios
- Trabalhos
- Seminários
- Leituras
- Participação
- Frequência
- Total

Na identificação do referencial bibliográfico:

- Bibliografia específica da disciplina
- Bibliografia específica da educação física
- Bibliografia geral da educação
- Bibliografia específica da educação

• Atualizada

• Total

Para os resultados, em que após análise de cada item do programa (ementa, objetivos, conteúdos, procedimentos metodológicos, critérios de avaliação e referências bibliográficas) por departamento, foi feito o cruzamento de algumas considerações preliminares a fim de chegarmos às considerações finais.

Fica claro que foram analisados documentos cedidos pela instituição para este fim e não é possível afirmar ou retratar a atitude do docente no que diz respeito à sua prática profissional, ou seja, do papel à sala de aula poderá haver ou não diferenças.

Inicialmente foi tratada a questão das ementas das disciplinas nos respectivos departamentos, de modo a verificar qual a intenção do seu oferecimento na preparação docente. Depois passou-se à análise dos objetivos propostos, no sentido de verificar as metas traçadas para a formação do futuro profissional. Em seguida, foi realizada a análise dos conteúdos para a informação desse profissional, verificando se os subsídios apresentados condiziam com os objetivos propostos. Foram observados também os procedimentos metodológicos utilizados pelos docentes, e sua relação com o processo de facilitação e assimilação dos alunos; por fim, foi feita a análise dos critérios de avaliação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluída a análise dos resultados da pesquisa desenvolvida, foi possível identificar a seguinte situação, no que se refere à análise das ementas das disciplinas dos três departamentos: o de Humanas foi o que mais correspondeu ao curso de licenciatura, uma vez que os ementários traduzem a preocupação com a proposta do curso; o de Biológicas não apresentou nenhuma relação com a Educação ou com a proposta de um curso de licenciatura; o departamento Ginmico-desportivo, apesar de apresentar uma preocupação com a educação física, não estabelece relação com a educação.

Em relação à análise realizada sobre os objetivos das disci-

plinas, observa-se considerar que o departamento de Humanas apresenta uma grande preocupação com o futuro profissional, e os conteúdos propostos podem dar conta dos objetivos das disciplinas; já o departamento de Biológicas explicita uma visão de corpo estritamente biológica em vez de uma visão sistêmica, que seria mais adequada numa licenciatura; o departamento Ginmico-desportivo demonstra maior preocupação em "ensinar a realizar" ao invés de "ensinar a ensinar", portanto inadequado à proposta.

Quando da verificação dos conteúdos componentes dos departamentos, foi identificada uma maior preocupação com a especificidade da disciplina; observou-se também que os conteúdos apresentados não correspondem aos ementários e aos objetivos de seus respectivos programas, verificação esta feita principalmente no departamento Ginmico-desportivo, como já foi dito anteriormente.

Os procedimentos metodológicos apresentados pelos docentes em seus programas identificam grande variabilidade de recursos utilizados, contudo não deixam claro de que forma são utilizados.

Em análise feita nos departamentos, visando a identificar os critérios de avaliação, constatou-se que tanto a prova escrita quanto os trabalhos escritos foram os itens mais utilizados pelos docentes em seus programas; verificou-se ainda que o departamento de Humanas apresentou um grande índice no item referente a leituras e, no departamento Ginmico-desportivo, as provas práticas. Outro item também apresentado com frequência pelos departamentos refere-se à participação e, em algumas disciplinas, à frequência, o que nos deixa uma interrogação: como é possível avaliar a participação e a frequência? A nota seria dada pela presença ou por quem respondesse ou fizesse alguma pergunta? Este tipo de avaliação seria muito difícil, pois não existem esclarecimentos quanto à utilização dos critérios de avaliação, uma vez que estes não são descritos, deixando uma grande margem de dúvida quanto à sua utilização e eficiência. Quanto ao seu propó-



sito, podem desta forma ocasionar que o aluno busque somente resultados, não se importando como este deverá ser conseguido.

No critério de análise referente às bibliografias utilizadas pelos departamentos, constatou-se que estas estão direcionadas à disciplina ministrada e na maioria dos casos ligadas à educação física, porém distantes do contexto geral da educação. Verificou-se que tanto no departamento de Biológicas quanto no departamento ginástico-desportivo, as bibliografias indicadas apresentam deficiência no item atualização, o que poderá comprometer o conteúdo ministrado.

Identificou-se ainda que existe falta de coerência por parte de alguns docentes no que se referente a integralização entre ementa, objetivo, conteúdo, procedimentos metodológicos, critérios de avaliação e bibliografias, utilizadas nos programas de suas disciplinas.

Desta forma, considera-se que o curso de licenciatura da Faculdade de Educação Física de Santo André deve passar por transformações com o propósito de melhor se adequar ao perfil do profissional pretendido. Além disso, no curso deve prevalecer uma maior preocupação com a educação em âmbito geral. Depois dessas medidas, será possível propor a criação do curso de bacharelado.

Fica entendido que de nada valeria alterar nomes ou carga horária das disciplinas se a organização e a proposta educacional que norteia a instituição não forem alteradas desde seu regimento, grade curricular, passando pelas denominações das disciplinas e principalmente de uma ação reflexiva de seu corpo docente, o que certamente poderia ocasionar alterações nos ementários, objetivos, conteúdos, metodologias, critérios de avaliação e bibliografias.

Concluindo, indica-se à Fefisa que na oportunidade de novos estudos visando à adequação na formação oferecida deve-se, ao observar que o currículo de um curso é mais que uma grade de disciplinas, buscar constantemente reflexões que permitam

identificar qual o projeto de sociedade e de homem se persegue; quais os interesses da educação que se defende; quais os valores; qual ética e qual moral que se elegem como guias da prática educacional e como se articulam as aulas com este projeto maior de ser humano e sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BETTI, Mauro. Perspectivas na formação profissional. In: MOREIRA, Wagner Wey (org.). *Educação física e esportes: perspectivas para o século XXI*. Campinas, Papirus, 1992.
- BRASIL. Documenta (315) Brasília, março de 1987.
- CASTELLANI FILHO, Lino. *Educação física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas, Papirus, 1988.
- FARIA JR., Alfredo Gomes. Pesquisa em educação física: enfoques e paradigmas. In: Faria Jr, Alfredo Gomes; FARINA, Paulo de Tarso (org.). *Pesquisa e produção do conhecimento em educação física*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1991.
- GHIRALDELLI JR., Paulo. *Educação física progressista: A pedagogia crítico social dos conteúdos e a educação física brasileira*. 4 ed. São Paulo, Loyola, 1992.
- KOLYNIK FILHO, Carol. O esporte como objeto da educação física ou da ciência da motricidade humana. In: *Discorpo*. São Paulo, 7: 31-46, jul./dez, 1997.
- MEDINA, João Paulo Subirá. *A educação física cuida do corpo e... mente*. Campinas, Papirus, 1985.
- MOREIRA, Wagner Wey. Repensar a formação Profissional. In: PASSOS, Solange (org.). *Educação física e esportes na universidade*. Brasília, MEC/SEED/UnB, 1988.
- OLIVEIRA, José Guilmar Mariz de. Preparação profissional em educação física. In: PASSOS, Solange. (org.). *Educação física e esportes na universidade*. Brasília, MEC/SEED/UnB, 1988.
- ORO, Ubirajara. A formação (do) profissional em educação motora: traços epistemológicos. In: DE MARCO, Ademir. (org.). *Pensando a Educação Motora*. Campinas, Papirus, 1995.
- PELLEGRINI, Ana Maria. A formação profissional em educação física. In: PASSOS, Solange. (org.). *Educação física e esportes na universidade*. Brasília, MEC/SEED/UnB, 1988.



- SOARES, Carmem Lúcia. Educação física: raízes européias e Brasil. Campinas, Autores Associados, 1994.
- VIEIRA e CUNHA, Manuel Sérgio. *Epistemologia da motricidade humana*. Lisboa, Edições da Faculdade de Motricidade Humana, 1996.
- TANI, Go. *Cinesiologia, educação física e esporte: ordem emanante do caos na estrutura acadêmica*. Motu Corporis, v. 3, n. 2, UFG, 1996.
- TOJAL, João Batista Andreotti Gomes. O bacharelado e a formação profissional em educação física. *Corpo e Movimento*, APEF - São Paulo. N. III, p. 7, 1991.
- _____. *Curriculo de graduação em educação física: a busca de um modelo*. 2 ed. Campinas, Ed. da Unicamp, 1995.

Comparação do desempenho de judocas no Teste de Wingate para membros superiores com diferentes cargas

Comparison of performance of judokas in upper body Wingate test from different loads

Francini, E.*
Nakamura, F. Y.*
Takito, M. Y.*
Kiss, M. A. P. D. M.**

* Ladesp - EEFE/USP (bolcista)
** ladesp - EEFE/USP (professor titular)

Resumo: O teste de Wingate tem sido utilizado para avaliar atletas de modalidades predominantemente anaeróbias, dentre os quais judocas. Contudo, para os estudos que avaliaram judocas a partir do teste de Wingate para membros superiores foram utilizadas cargas diferentes. Assim, este estudo objetivou verificar se existem diferenças significantes nas seguintes variáveis: potência média absoluta, potência de pico absoluta, potência média relativa, potência de pico relativa e índice de fadiga, utilizando cargas equivalentes a 0,04; 0,05; 0,06; 0,065 kp/kg de massa corporal dos atletas

Abstract: The Wingate test has been used to evaluate athletes of anaerobic sports, including judokas. Although, studies which evaluate judokas with upper body Wingate test used different loads. Thus, this paper objectified verify if there was significant differences in Wingate variables: absolute mean power (AMP), absolute peak power (APP), relative mean power (RMP), relative peak power (RPP) and fatigue index (FI), to loads equivalent to 0.04; 0.05; 0.06; 0.065 kp/kg of athlete body mass.

INTRODUÇÃO

O teste de Wingate tem sido o mais utilizado para a verificação da capacidade anaeróbia láctica, inferida a partir da potência média gerada no decorrer do teste (Bar-Or, 1987; Inbar et al., 1996; Smith & Hill, 1991). Atletas de modalidades com predominância de utilização dos membros superiores, entre os quais judocas, têm tido sua capacidade anaeróbia láctica avaliada a partir do teste de Wingate para membros superiores com diferentes cargas (Hickner et al., 1991; Horswill et al., 1989; Horswill et al., 1992; Little, 1991; Mourier et al., 1997; Terbizan & Seljevold, 1996; Thomas et al., 1989). No entanto, Dotan & Bar-Or (1983) propuseram a verificação de uma carga que gerasse a maior potência média em grupos específicos. Nesse sentido, este trabalho objetivou verificar se a variação da carga (0,040; 0,050; 0,060 e 0,065 kp/kg de massa corporal) alterava as variáveis obtidas no teste de Wingate: potência média absoluta (FMA), potência de pico absoluta (FPA), potência média relativa (FMR), potência de pico relativa (FPR) e índice de fadiga (IF).

METODOLOGIA

Amostra

Foram sujeitos deste experimento sete atletas que concordaram em participar deste estudo



por meio de consentimento informado. Com idades entre 17 e 25 anos de idade, os atletas possuíam graduação igual ou superior à faixa marrom, massa corporal entre 65 e 80 kg, percentual de gordura inferior a 15% (obtido a partir de dobras cutâneas, conforme proposto por Drinkwater & Ross, 1980), treinavam pelo menos três vezes por semana e participavam de competições oficiais promovidas pela Federação Paulista de Judô. As características do grupo podem ser vistas na Tabela 1.

Delimitação

Todos atletas foram submetidos às cargas de 0,040; 0,050; 0,060; 0,065 kp/kg de massa corporal, distribuídas de forma aleatória.

Antes de cada teste era verificada a massa corporal do atleta, e ajustada a carga correspondente com a maior precisão possível; no caso do ergômetro utilizado (Monark) essa precisão era de 0,25 kp. Os atletas não sabiam a qual das cargas propostas estavam sendo submetidos e foram orientados para não realizar nenhum tipo de esforço intenso a partir de dezesseis horas antes do teste, assim como a não ingerir alimentos a partir de duas horas antes do teste. Os testes foram realizados com intervalos mínimos de 24 horas e máximo de 72 horas.

Teste de Wingate

Foi realizada a seguinte adaptação no teste com membros superiores: não foi realizada nenhuma rotação prévia, isto é, ao iniciar o teste, o atleta tinha que vencer a inércia. Este procedimento foi adotado por dois motivos: (1) segundo Basset (1989) e Jartzebski (1995), quando a carga é colocada após o início do teste, os valores atingidos são superiores àqueles com colocação da carga antes do início do teste, devido à influência da energia cinética do pedal; (2) o cicloergômetro utilizado (Monark), não permite a colocação instantânea da carga.

O teste foi filmado por uma câmera Panasonic S-VHS Movie NV - 9000 FN (60 quadros por segundo), colocada perpendicularmente ao cicloergômetro de modo que as rotações do pedal



pudessem ser contadas posteriormente (Fogelholm et al., 1993).

Análise estatística

A análise descritiva constituiu-se da realização de média, do desvio padrão e do coeficiente de variação. Foi realizado um teste de homogeneidade de variância (teste de Barlett). A partir da constatação da homogeneidade das variâncias, os dados foram analisados através de uma análise de variância (ANOVA) com medidas repetidas, uma vez que os mesmos atletas foram submetidos ao teste de Wingate com diferentes cargas. A análise de resíduos não evidenciou tendência, indicando que a distribuição foi aleatória. Após a ANOVA com medidas repetidas, foi realizado o teste de Tukey. Foi adotado como nível de significância $p < 0,05$.

RESULTADOS

A Tabela 1 apresenta os dados referentes à idade, estatura, massa corporal e percentual de gordura dos atletas analisados.

A Tabela 2 apresenta os valores médios e respectivos desvios padrão das variáveis obtidas a partir do teste de Wingate.

A aplicação da ANOVA com medidas repetidas permitiu constatar que havia diferença na potência gerada a partir da realização do teste com diferentes cargas. O teste de Tukey evidenciou quais cargas diferiam entre si. A realização do teste com car-

Tabela 1

Características da amostra quanto à idade, estatura, massa corporal e percentual

	Idade (anos)	Massa corporal (kg)	Estatura (cm)	Gordura (%)
Média	20,6	74,5	176,2	11,2
Desvio padrão	2,8	4,7	5,0	2,6
Coef. de variação	13,4	6,2	2,9	23,4

Tabela 2

Resultados no Teste de Wingate para membros superiores a partir de diferentes cargas

Carga (kp/kg)	PMA (W)	PMR (W/kg)	PPA (W)	PPR (W/kg)	IF (%)
0,04	331±63	4,42±0,81	383±81	5,19±1,11	31,3±13,7
0,05	364±49*	4,90±0,71*	444±87*	5,78±1,27	35,1±15,4
0,06	357±62	4,81±0,92*	441±110	5,95±1,58*	36,0±13,4
0,065	360±64*	4,88±0,79	450±105*	6,03±1,39*	36,9±13,7

* Diferença significante em relação a 0,04 kp/kg ($p < 0,05$); os valores são a média ± desvio padrão.

gas de 0,05 e 0,065 kp/kg de massa corporal resultou em maior PMA e PPA ($p < 0,05$) em relação à realização com a carga de 0,04 kp/kg de massa corporal. Quanto à PMR, as cargas de 0,05, 0,06 e 0,065 kp/kg de massa corporal resultaram em valores superiores ($p < 0,05$), quando comparados à carga de 0,04 kp/kg de massa corporal. Apenas as cargas de 0,06 e 0,065 kp/kg de massa corporal resultaram em maior PPR ($p < 0,05$), quando comparadas à carga de 0,04 kp/kg de massa corporal.

A tabela 3 apresenta a potência gerada a cada 5 s durante o teste de Wingate, com cada uma das cargas adotadas.

DISCUSSÃO

Os valores de potência média dos atletas deste estudo são inferiores aos encontrados em judocas da seleção canadense (Thomas et al., 1989), em atletas de luta olímpica da seleção norte-americana (Horswill et al., 1992) e em atletas de luta olímpica de elite (Horswill et al., 1989), mas semelhantes ao encontrado em judocas canadenses de elite (Little, 1991), e em atletas de luta olímpica norte-americanos (Horswill et al., 1989). Esses resulta-

dos podem ser explicados pela diferença no nível dos atletas, pois os judocas analisados neste estudo eram competidores de nível municipal/estadual, e a literatura apresenta estudos com atletas de alto nível. Isto deve-se ao fato de que o teste de Wingate é um dos fatores que discriminam adequadamente os atletas de alto nível dos demais, quando analisadas modalidades em que a capacidade anaeróbia láctica é um aspecto importante do desempenho (Horswill et al., 1989).

A sugestão da determinação de carga ótima para o teste de Wingate para atletas de diferentes modalidades (Dotan & Bar-Or, 1983), além da consideração da faixa etária (Carlson & Naughton, 1994) tem sido um aspecto importante para melhorar a avaliação a partir do Wingate. A constatação de que cargas diferentes alteram significativamente as variáveis do teste de Wingate para membros superiores sugere que a comparação de resultados entre estudos que adotaram diferentes cargas seja feita com cautela. Contudo, conforme observado neste estudo, pequenas variações na carga (entre 0,05 e 0,065 kp/kg de massa corporal do

Tabela 3

Potência relativa (W/kg) gerada a cada 5s durante o Teste de Wingate para membros superiores com diferentes cargas (média de 7 sujeitos).

	0,04 kp/kg	0,05 kp/kg	0,06 kp/kg	0,065 kp/kg
5 seg.	4,4	5,31	5,1	5,25
10 seg.	5,21	6,18	6,21	6,3
15 seg.	4,82	5,65	5,79	5,57
20 seg.	4,47	4,88	4,95	4,9
25 seg.	4,1	4,35	4,3	4,17
30 seg.	3,57	3,72	3,78	3,75

atleta) não afetaram significativamente a potência média relativa no teste de Wingate. Além disso, o índice de fadiga também não diferiu de maneira significativa para estas cargas adotadas.

É interessante notar que a maior potência média (tanto absoluta quanto relativa) foi obtida com a carga de 0,05 kp/kg de massa corporal, enquanto que a maior potência de pico (absoluta e relativa) foi atingida com a carga de 0,065 kp/kg de massa corporal (Tabela 2). Assim, conforme sugerido por Dotan & Bar-Or (1983), em estudos cuja potência de pico está sendo analisada, talvez seja mais adequado adotar cargas mais elevadas do que em estudos cujo foco de análise seja a potência média. Avaliações nas quais seja necessário a obtenção da maior potência, tanto média quanto de pico, Vandewalle et al. (1987) sugerem a determinação da carga ótima para cada atleta. Contudo, este procedimento exige a realização de vários testes e pode ser impraticável quando um grande grupo está sendo avaliado.

CONCLUSÃO

Houve diferença significante entre as cargas adotadas, isto é, a realização do teste de Wingate para membros superiores, com as cargas de 0,050; 0,060 e 0,065 kp/kg de massa corporal, resultou em maior potência média e de pico em relação à realização com a carga de 0,040 kp/kg de massa corporal. Desse modo, ao realizar o teste de Wingate para membros superiores em judocas com características semelhantes às características dos judocas deste estudo, pode-se adotar cargas entre 0,050 e 0,065kp/kg de massa corporal, sem que haja prejuízo (subestimação) da potência média e de pico (tanto absoluta quanto relativa). Essas cargas devem ser utilizadas como referencial, uma vez que a determinação da carga ótima individual é o procedimento mais adequado, porém envolve maior número de testagens. Estudos com maior número de judocas, divididos por classes (idades) e categorias (massa corporal), além da adoção de mais cargas (0,04 - 0,07 kp/kg de massa corporal), poderia auxiliar a determinar a melhor carga para este grupo de atletas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAR-OR, O. The Wingate anaerobic test: an update on methodology, reliability and validity. *Sports Medicine*, v. 4, n. 06, p. 381-394, 1987.
- BASSET JR., D. R. Correcting the Wingate test for changes in kinetic energy of the ergometer flywheel. *International Journal of Sports Medicine*, v. 10, n. 06, p. 446-449, 1989.
- CARLSON, J. & NAUGHTON, G. Performance characteristics of children using various braking resistances on the Wingate anaerobic test. *The Journal of Sports Medicine and Physical Fitness*, v. 34, n. 04, p. 362-369.
- DRINKWATER, D. T.; ROSS, W. D. Anthropometric fractionation of body mass. In: Ostry, M.; Beunen, G.; Simon, J. (eds.). *Kinanthropometry II*. Baltimore: University Park Press, p. 177-89, 1980.
- DOTAN, R. & BAR-OR, O. Load optimization for the Wingate anaerobic test. *European Journal of Applied Physiology*, n. 51, p. 409-417, 1983.
- FOGELHOLM, G. M.; KOSNIKEN, R.; LAAKSO, J.; RANKINEN, T.; RUOKONEN, I. Gradual and rapid weight loss: effects on nutrition and performance in male athletes. *Medicine and Sciences in Sports and Exercise*, v. 25, n. 03, p. 371-377, 1993.
- HICKNER, R. C.; HORSWILL, C. A.; WELKER, J. M.; SCOTT, J.; ROEMMICH, J. N.; COSTILL, D. L. Test development for the study of physical performance in wrestlers following weight loss. *International Journal of Sports Medicine*, v. 12, n. 06, p. 557-562, 1991.
- HORSWILL, C. A.; SCOTT, J. R. & GALEA, P. Comparison of maximum aerobic power, maximum anaerobic power, and skinfold thickness of elite and nonelite junior wrestlers. *International Journal of Sports Medicine*, v. 10, n. 03, p. 165-168, 1989.
- HORSWILL, C. A.; MILLER, J. E.; SCOTT, J. R.; SMITH, C. M.; WELK, G.; VAN HANDEL, P. Anaerobic and aerobic power in arms and legs of elite senior wrestlers. *International Journal of Sports Medicine*, v. 13, n. 08, p. 558-561, 1992.
- INBAR, O.; BAR-OR, O.; SKINNER, J. S. *The Wingate Anaerobic Test*. Champaign, IL: Human Kinetics, 1996.
- JASTRZEBSKI, Z. Selected aspects of the assessment of anaerobic capacity by applying the Wingate test. *Biology of Sports*, v. 12, n. 03, 1995.





LITTLE, N. G. Physical performance attributes of Junior and Senior women, Juvenile, Junior and Senior men judokas. *Journal of Sports Medicine and Physical Fitness*, v. 31, p. 510-520, 1991.

MOURIER, A.; BIGARD, A. X.; KERVILER, E.; ROGER, B.; LEGRAND, H.; GUEZENNEC, C. Y. Combined effects of caloric restriction and branched-chain amino acid supplementation on body composition and exercise performance in elite wrestlers. *International Journal of Sports Medicine*, v. 18, n. 01, p. 47-55, 1997.

SMITH, J. C. & HILL, D. W. Contribution of energy systems during a Wingate power test. *British Journal of Sports Medicine*, v. 25, n. 04, p. 196-199.

TERBIZAN, D. J. & SELJEVOLD, P. J. Physiological profile of age-group wrestlers. *The Journal of Sports Medicine and Physical Fitness*, v. 36, n. 03, p. 178-185, 1996.

THOMAS, S. G.; COX, M. H.; LEGAL, Y. M.; VERDE, T. J.; SMITH, H. K. Physiological profiles of the Canadian National Judo Team. *Canadian Journal of Sport Sciences*, vol. 14, n. 3, p. 142-147, 1989.

VANDEWALLE, H.; PÉRES, G.; MONOUD, H. Standard anaerobic exercise tests. *Sports Medicine*, v. 4, p. 268-289, 1987.

A questão da Docência em educação física e transição para a prática profissional

Produção Acadêmica

A questão da licenciatura em educação física: a transição para a prática profissional

Márcia Zendron de Campos

Entendendo que o curso de licenciatura em educação física deve possibilitar ao aluno construir o conhecimento sobre e para a sua atuação profissional, destacou-se neste estudo a necessidade de se privilegiar o processo de ação-reflexão-ação, a partir da realização do estágio supervisionado, o qual favorecerá a aproximação da realidade de atuação a ser discutida em aulas da disciplina Prática de Ensino e Estágio Supervisionado. Privilegiando esse movimento dialético de ação-reflexão-ação, já no curso de graduação, a fim de viabilizar a consciência crítica do aluno sobre a prática de ensino, espera-se que ele possa utilizá-lo no decorrer de sua atuação profissional, num processo de formação contínua.

Para tanto, realizou-se uma pesquisa de campo utilizando entrevistas com docentes da disciplina e um questionário com os discentes. Além disso, procedeu-se a uma pesquisa documental na qual foram analisados os programas de ensino. A análise dos dados surgiu do confronto entre o conteúdo dos programas e as manifestações dos docentes e dos discentes.

Dentre os cinco cursos pesquisados, apenas em um se verificou que a disciplina Prática de Ensino e Estágio Supervisionado está mais próxima de estimular uma reflexão e alcançar a conscientização do aluno sobre a prática de ensino priorizando o processo de ação-reflexão. Nos outros quatro esse ideal está bem longe, apesar de ele ser defendido pelos professores que ministram essa disciplina.

Nota-se que há uma acentuada ênfase à instrumentalização do processo de ensino-aprendizagem, destacando-se o como fazer em detrimento do por quê. Além disso, a característica de síntese dos conteúdos da disciplina não é satisfatoriamente alcançada, já que não se priorizam as mediações entre os conhecimentos do curso e a realidade de atuação encontrada no estágio.

Conseqüência desse panorama: a unidade teoria-prática não acontece em função de ainda se enfatizar na disciplina uma dicotomia, na qual um pólo

aparece em detrimento do outro. Assim, a teoria é prescritiva de uma prática que muitas vezes é feita sem a necessária reflexão sobre a realidade existente na própria experiência desenvolvida pelo estágio. Tal fato indica a realização de uma prática utilitarista, destituída de embasamento ou comprometimento com a teoria.

Se não há reflexão no curso sobre a prática de ensino na realidade de atuação profissional, não há como falar de unidade teoria-prática nem de uma transição significativa do aluno para a prática profissional.

O modelo biológico para a detecção de talentos na natação

Carlos Alexandre Felício Brito

Este estudo teve como objetivo determinar os valores médios da aptidão física específica – em especial a capacidade física força ou neuromotora – em nadadores do gênero feminino que competem em nível regional e estadual. O intuito foi desenvolver um padrão referencial por meio de dados estabelecidos a partir de uma população localizada na cidade de São Paulo. As nadadoras selecionadas nesse experimento foram divididas da seguinte forma: Grupo de São Paulo (GSP; n = 14); Grupo de Santo André (GSA; n = 27) e Grupo da População (GP; n = 31). A idade das atletas variava de 13 a 15 anos. O teste utilizado foi o de 15 metros (BRITO & PINTO, 1998), específico para nadadores. Os dados foram analisados pela estatística descritiva, pelo teste entre médias paramétricas, bem como pela análise de variância e estratégia “Z” Celafiscs, adotando-se como critério padrão referencial a probabilidade de $p < 0,05$. Os principais resultados demonstram que a variável velocidade (V) bem como o índice de braçadas (IB) parecem ser os pré-requisitos básicos na detecção de talentos em nadadores do gênero feminino. Como conclusão, sugere-se que as novas investigações possam ser realizadas com um maior número de nadadores para o GP e que, dessa forma, esse estudo possa ser expandido para o gênero masculino, adotando-se os mesmos procedimentos metodológicos.



Análise biomecânica da técnica *seoi-nage* do judô e sua aplicação para crianças

William Soares de Freitas

Os objetivos do estudo foram identificar os principais grupos musculares e alavancas utilizados para executar a técnica *seoi-nage*, fazer uma análise biomecânica, identificando os tipos de contração existentes quando do emprego dessa técnica, e avaliar a viabilidade da utilização da técnica *seoi-nage* por crianças de até 10 anos, evitando lesões. O estudo foi desenvolvido no laboratório de biomecânica da Fefisa. A análise foi feita em câmera lenta a partir de um vídeo que mostrava a execução do golpe (técnica) do atleta japonês Nomura na final do Campeonato Mundial de Judô, realizado em Paris, em 1997. Essa técnica é uma das mais realizadas no judô, principalmente entre as crianças, por se tratar de um movimento de grande beleza plástica e de pontuações altas. Ela se divide em duas fases: preparo, na qual o executante promove o afastamento dos braços do oponente, encaixando seu cotovelo sob o ombro dele e caindo de joelhos sobre o tatame; projeção, quando o executante faz a extensão de seu tronco e joelhos para frente, projetando seu adversário de costas para o chão.

Articulação	Movimento	Grupo Muscular/ Motor Primário	Contração	Alavanca
Ombro	Flexão	Deltóide / grande dorsal / redondo maior	Concêntrica	Inter-Postente
Cotovelo	Extensão	Tríceps braquial	Concêntrica	Inter-Postente
Punho	Flexão	Dexteros radial e ulnar carpo	Concêntrica	Inter-Postente
Tronco	Rotação	Obliquos externos e reto abdominal	Concêntrica	Inter-Postente
Quadril	Extensão	Glúteo máximo e isquiotibiais	Concêntrica	Inter-Postente
Joelho	Extensão	Quadríceps femoral	Concêntrica	Inter-Postente
Tornozelo	Extensão	Tríceps sural	Concêntrica	Inter-Resistente



O índice de braçadas como indicador da performance: a influência do volume

Carlos Alexandre Felício Brito

A performance na natação depende da adaptação do treinamento em relação ao volume nadado, bem como de sua intensidade (COSTILL, 1998; CHATARD, 1998). Um dos procedimentos adotados para a verificação da adequação técnica do nado é a utilização do índice de braçadas (IB), que é definido na literatura internacional como o produto da velocidade de nado (V) pela distância percorrida (AM). Este estudo teve como objetivo verificar a influência do volume na performance, utilizando-se o IB em 14 nadadores, de 11 a 13 anos de idade, da equipe de natação APAN/Energil C. O teste de 15 metros (BRITO & PINTO, 1998) foi utilizado para a verificação da performance e os dados foram analisados por meio de estatística descritiva; análise de variância (ANOVA "Two Way" com post-hoc Tukey) e do cálculo do delta percentual, adotando-se como nível de significância $p < 0,05$.

Os resultados, demonstrados na tabela abaixo, indicaram a existência de uma tendência na redução da frequência de braçadas (5,08%) e um aumento na amplitude (6,73%) no final do programa, quando comparou-se a 3ª avaliação com a 1ª. Houve uma evolução na velocidade (1,13%) e um aumento da adequação técnica de nado por meio identificado pelo IB (8,01%).

	1ª Avaliação	2ª Avaliação	3ª Avaliação
IB (Am x V)	0,9007±0,1677	0,9257±0,1806	0,9729±0,1948
AM (metros/braçadas)	0,6786±0,07015	0,6964±0,07632	0,7243±0,09061
V (velocidade - m/s)	1,316±0,1247	1,316±1241	1,331±0,1195
FR (braçadas/segundos)	1,946±1283	1,895±0,1256	1,847±0,1431



Pedagogia esportiva: um estudo sobre a especialização precoce com aplicação na modalidade de atletismo

Aida Christine Silva Lima do Nascimento

A idéia deste projeto de investigação científica surgiu em 1995, quando realizava uma pesquisa inicial para conclusão do curso de pós-graduação em nível *Lato Sensu* em Treinamento Desportivo. O desenvolvimento do atual estudo está sob a orientação do prof. dr. Roberto Rodrigues Pires, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e tem como data provável de conclusão o ano 2000.

A especialização precoce no esporte vem se tornando uma tendência mundial. É cada vez maior o número de crianças e jovens que iniciam a prática esportiva precocemente. Em muitos casos, eles possuem grande potencial esportivo e por essa razão dedicam muito tempo e não medem esforços em busca de resultados, conquistas e medalhas.

Porém, no decorrer do processo de aprendizagem, é comum o surgimento de um desinteresse por parte desses jovens desportistas. Acredita-se que isso aconteça em virtude de decepções, cobranças e frustrações dentro da prática esportiva. Tal processo muitas vezes culmina com o abandono precoce do esporte.

Atualmente atuo na área de atletismo, leciono no 3º grau e sou técnica desportiva vinculada à Prefeitura do Município de Santo André, no ABC paulista. Por esse motivo, tenho a oportunidade de vivenciar fatos relacionados à preocupação de muitos em "fazer campeões precoces". Essa realidade me incomoda, e me leva a fazer muitos questionamentos.

O objetivo deste projeto é identificar os problemas decorridos da especialização precoce no desporto atletismo e analisar como tal fato influencia na evasão precoce na prática da modalidade. É um estudo de caso que pretende comprovar, através dos dados coletados, a idéia principal do projeto: a especialização precoce na modalidade de atletismo não implica



na revelação de atletas bem sucedidos.

O universo metodológico será a pesquisa bibliográfica com consultas em dissertações de mestrado, livros, trabalhos, revistas especializadas que tratam da iniciação esportiva, pedagogia do esporte, especialização desportiva precoce e abandono precoce do esporte. Também será utilizada uma pesquisa documental de "história de vida" de atletas atuantes no atletismo em nível nacional.

O procedimento utilizado para a coleta dos dados será uma entrevista semi-estruturada com atletas de alto nível da categoria adulta, mais especificamente praticantes de provas de velocidade (velocistas) e de longa distância (fundistas). O ambiente de pesquisa será o dos treinamentos e competições nacionais e internacionais, como "Trocféu Brasil de Atletismo" e Meeting Internacional de Atletismo".

Ao término do estudo, acredito estar contribuindo sobretudo para a valorização do ser humano, bem como para o enriquecimento do atletismo, que acredito ser a base para os demais esportes.

É difícil elaborar uma monografia de pós-graduação?

Ricardo Figueiredo Pinto

No Brasil, a partir da resolução 12/83 do extinto Conselho Federal de Educação, hoje Conselho Nacional de Educação, os cursos de pós-graduação em nível de especialização passaram a ter uma exigência básica: todos os participantes desses cursos deverão elaborar um trabalho de conclusão, chamado de monografia. É importante que profissionais, das mais diversas áreas, que pretendem atuar como docentes no ensino superior possuam um mínimo de conhecimento de como se realiza uma pesquisa científica. Considerando que muitos cursos de graduação não possuem programas de iniciação científica, bem como não exigem um trabalho de conclusão de curso (TCC) em forma de pesquisa para seus futuros graduandos, a pós-graduação em nível de especialização parece ser um bom começo para a



aquisição desses conhecimentos. É importante destacar que a legislação hoje em vigor no ensino brasileiro, a lei 9.394/96 – Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) –, exige como requisito básico para atuar no 3º grau a titulação mínima de mestre, o que vem reforçar a necessidade de o docente do ensino superior saber desenvolver pesquisa científica. Atuando aproximadamente há dez anos como docente em cursos de pós-graduação, em nível de especialização, e particularmente nos módulos Metodologia da Pesquisa e Orientação Acadêmica, tenho observado que um grande número de estudantes não conclui os seus cursos e que a maioria da inadimplência está relacionada à não entrega da monografia de conclusão de curso. Observo também que a maior parte dos alunos dos cursos de especialização inicia sua pesquisa, visando à elaboração da monografia de final de curso, somente quando termina todos os módulos do curso. No meu entendimento isso acarreta sérias conseqüências ao pesquisador iniciante, principalmente no que se refere à dificuldade de orientação acadêmica, pois os módulos do curso já terminaram, restando pouco tempo disponível do pós-graduando para concluir sua pesquisa. Várias são as indagações que podemos levantar sobre as principais razões que dificultam a elaboração da monografia de conclusão de curso; esse estudo porém se limitará a indagar as seguintes questões: quais as maiores dificuldades encontradas para se elaborar uma monografia? Qual a importância de um orientador acadêmico na elaboração de uma monografia? Qual a importância dos Módulo Metodologia da Pesquisa e Orientação Acadêmica na elaboração de uma monografia? O fato de o aluno ter de defender oralmente a monografia dificulta a conclusão da mesma? Qual o tempo necessário para se elaborar uma monografia? É importante se elaborar uma monografia de conclusão de curso? Por quê? É importante defender oralmente a monografia produzida? Por quê? A partir dessas questões, esse trabalho tem os seguintes objetivos:

- Realizar um estudo sobre como devemos desenvolver uma monografia de conclusão de curso de pós-graduação, em nível de especialização, a partir de autores brasileiros;
- Identificar quais são as principais dificuldades encontradas, por pós-graduandos, na elaboração da monografia de conclusão de curso;
- Identificar o tempo que cada pós-graduando levou para elaborar sua



monografia de conclusão de curso;

- Saber dos pós-graduandos qual a necessidade de se ter um orientador acadêmico para a elaboração de uma monografia de final de curso;
- Identificar com os pós-graduandos a importância dos módulos Metodologia da Pesquisa e Orientação Acadêmica para a elaboração da monografia de conclusão de curso;
- Conhecer os principais motivos que contribuíram para a não elaboração da monografia de conclusão de curso por parte dos pós-graduandos;
- Saber dos pós-graduandos qual a importância e a necessidade de se elaborar monografia de conclusão de curso;
- Saber dos pós-graduandos a importância e a necessidade de se defender oralmente a monografia de conclusão de curso.

A pesquisa será desenvolvida a partir de um estudo bibliográfico e de uma pesquisa de campo de caráter exploratório. A população do estudo será composta de ex-alunos de cursos de pós-graduação, em nível de especialização, das cidades de Belém (PA), Muzambinho, Santa Fé do Sul (SP), Santo André (SP) e Volta Redonda (RJ). A amostra do estudo será formada pelos alunos dos cursos discriminados a seguir: Educação Motora (Santo André, 1997 e 1998); Treinamento Desportivo (Santo André, 1997 e 1998); Saúde e Desporto (Belém, 1998); Educação Infantil (Belém, 1998); Conservação, Preservação e Manejo de Recursos Naturais (Belém, 1999); Treinamento Desportivo (Muzambinho, 1997 e 1998); Treinamento Desportivo (Santa Fé do Sul, 1998); Administração Estratégica (Volta Redonda, 1998); Ortodontia (Volta Redonda, 1998); Psicoterapia (Volta Redonda, 1998); Psicopedagogia (Volta Redonda, 1997); Educação Motora e Esportes (Volta Redonda, 1997). A pesquisa terá dois questionários compostos de perguntas abertas e fechadas, sendo um para os pós-graduandos e outro para os coordenadores dos cursos já realizados. Na impossibilidade de esses participarem, o atual coordenador de pós-graduação da instituição responderá ao questionário. Os questionários serão encaminhados via correio e as respostas poderão ser encaminhadas da mesma forma (porte pago), via fax ou por e-mail. A análise dos dados coletados na investigação será feita de forma quantitativa e qualitativa.



Instituição de ensino, sociedade, portadores de deficiências

Crystianne Simões Frug

A falta de espaços e alternativas para os portadores de necessidades especiais e a carência de profissionais competentes na área de educação física adaptada motivaram este projeto, que teve início em 1996. Sua realização, porém, só foi possível pelo apoio financeiro, de materiais esportivos e de espaço físico da Faculdade de Educação Física de Santo André.

O projeto foi criado com a intenção de atender às necessidades de um setor da população carente – portadores de necessidades especiais –, realizando atividades voltadas às habilidades individuais ou às práticas esportivas. O objetivo inicial era atender à comunidade do Grande ABC, mas hoje também participam desse projeto alunos de bairros da cidade de São Paulo.

Até o momento, o trabalho foi dividido em quatro fases:

- Fase 1 (1996) – desenvolvimento e aplicação de diversas atividades para o portador de necessidades especiais.
- Fase 2 (1997) – aprimoramento (aumento de dificuldades) das atividades aplicadas na primeira fase.
- Fase 3 (1998) – coleta de dados relativos às habilidades individuais, anamnese de cada portador e iniciação de esportes coletivos.
- Fase 4 (1999) – Durante as fases anteriores, foram encontrados diversos problemas individuais – cada grupo de portadores apresentou maior ou menor dificuldade na execução das atividades propostas. Nesta fase, essas dificuldades serão trabalhadas e se buscará maior sociabilização do grupo.

Capoeira e educação física: uma busca de reflexões

Marina Ribeiro Ricardo

Este estudo, iniciado no 1º semestre de 1998, na cidade de São Paulo, é um trabalho de cunho qualitativo que combina pesquisas bibliográfica e de



campo. O trabalho tem o propósito de contribuir com o estudo da capoeira na educação física escolar, além de mostrar suas outras faces a partir das seguintes categorias, entre outras: o contexto histórico da capoeira; o meio social e a capoeira; a capoeira, o corpo e sua relação com o consumo; a presença da mulher na capoeira; o profissional da capoeira; e a possibilidade de transformação em um esporte.

Na pesquisa bibliográfica foram utilizadas, entre outras obras, a de Daolio (1995), que trata da relação entre cultura e sociedade; a de Reis (1997), relacionada aos aspectos da capoeira; e a de Freire (1989), no tocante à educação física escolar. A pesquisa de campo foi feita com o grupo de capoeira *Gingaço*, do qual faço parte. Utilizou-se o procedimento da pesquisa participante, mediante roteiro de perguntas previamente estabelecido e coerente com as categorias de análise.



A utilização de princípios da transdisciplinaridade
em um volume e interdisciplinaridade em capítulos



A utilização do princípio da interdependência entre volume e intensidade em capoeiristas

Nilson de Oliveira e Douglas Wili Polanowski

Segundo o mestre Vadenor S. dos Santos (1996), uma nova tendência na capoeira tem tomado cada vez mais força na década de 90: a capoeira desporto. Após algumas observações na região do grande ABC, no Estado de São Paulo, percebemos a inexistência de sistematização e controle da performance no que diz respeito a periodização do treinamento dessa modalidade. Este estudo tem como objetivo verificar o comportamento de capoeiristas, utilizando-se o princípio da interdependência entre o volume e a intensidade nos exercícios preconizados em uma sessão e/ou programa dos mesmos. Neste estudo serão selecionados quatro capoeiristas com idade entre 21 e 23 anos e com experiência de quatro a sete anos, em nível estadual. As cargas, a frequência e a duração de cada sessão serão determinadas anteriormente, respeitando-se o grau de experiência dos sujeitos investigados. Os dados serão analisados quantitativamente e as medidas utilizadas serão a de tendência central, a de dispersão e análise de variância, adotando-se como grau de significância uma probabilidade de 5%.



Normas de publicação

1

A revista *Corpoconsciência* publica trabalhos científicos na área do movimento humano e em áreas afins.

2

As seções da revista são móveis, existindo nas edições de acordo com a necessidade. Elas são as seguintes:

Editorial – expressa a posição da comissão editorial científica sobre assuntos relacionados com o movimento humano e apresenta o conteúdo de cada número da revista.

Artigos – reservada a artigos científicos.

Ensaio – reservada a ensaios científicos.

Iniciação Científica – destinada a trabalhos científicos de alunos de educação física.

Produção Acadêmica – reservada a resumos de teses, dissertações e monografias.

Resenhas – resenhas de livros, teses e outros trabalhos científicos.

Ponto de Vista sobre a Educação Física – destinada a temas polêmicos na área da educação física. O primeiro tema abordado é “o objeto de estudo da educação física”, e as posições serão apresentadas em forma de entrevista fixa com os representantes das principais tendências teóricas da educação física.

3

Poderão ser encaminhadas propostas de publicação para as seguintes seções: Artigos, Ensaaios, Iniciação Científica, Produção Acadêmica e Resenhas.

4

As propostas de publicação serão encaminhadas à aprovação da Comissão Editorial Científica da revista.

5

As propostas de publicação deverão ser entregues em duas cópias em papel e outra em disquete, gravada em programa Word.

6

A página-rostro da proposta de publicação deverá conter o título em português e inglês, o nome completo do autor, a instituição de origem, o endereço e o telefone para contato.

7

As propostas de publicação enviadas para as seções de artigos e de ensaios deverão conter unitermos (4 palavras-chave) e resumo em português e inglês, com no máximo 120 palavras.

8

Ao entregar o seu texto para posterior publicação, o autor está cedendo os direitos autorais para a revista.

9

As propostas de publicação deverão ser endereçadas à Faculdade de Educação Física de Santo André — Travessa Cisplatina, nº 20, Vila Pires, Santo André, CEP 09121-430 —, aos cuidados do professor Ricardo Melani. (E-mail: revista@fefisa.com.br)